



L B

HARMONIAS ERRANTES



FRANCISCO DE CASTRO

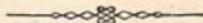
---

# HARMONIAS ERRANTES

COM UMA INTRODUÇÃO

PELO SR.

MACHADO DE ASSIS



RIO DE JANEIRO

Typ. de Moreira, Maximino & C., rua da Quitanda n. 111

---

1878

*J. Amador*



A' SANCTA MEMORIA

DE

MINHA MÃE

O. D. C.

---



## INTRODUÇÃO

---

Meu caro poeta,

Pede-me a mais facil e a mais inutil das tarefas litterarias: apresentar um poeta ao publico. Custa pouco dizer em algumas linhas ou em algumas paginas, de um modo sympathico e benevolo, — porque a benevolencia é necessaria aos talentos sinceros, como o seu, — custa pouco dizer que impressões nos deixaram os primeiros productos de uma vocação juvenil. Mas não é, ao mesmo tempo, uma tarefa inutil? Um livro é um livro; vale o que effectivamente é.

O leitor quer julgal-o por si mesmo ; e, se não acha no escripto que o precede, — ou a autoridade do nome, — ou a perfeição do estylo e a justeza das idéas, — mal se póde furtar a um tal ou qual sentimento de enfado. [O estylo e as idéas dar-lhe-hiam a ler uma boa pagina, — um regalo de sobra ; a autoridade do nome enche-o-hia de orgulho, se a impressão da critica coincidissem com a delle. Supponho ter idéas justas ; mas onde estão as outras duas vantagens ? Seu livro vae ter uma pagina inutil.

Sei que o senhor suppõe o contrario ; illusão de poeta e de moço, filha de uma affeição antes instinctiva que experimentada, e, em todo o caso, recente e generosa ; seu coração de poeta leu talvez, atravez de algumas estrophes que ahi me ficaram no caminho, este amor de poesia, esta fé viva em alguma cousa superior ás nossas labutações sem fructo, primeiro sonho da mocidade e ultima saudade da vida. Leu isso ; comprehendeu que ha idolos que se não quebram e cultos que não morrem, e veio ter commigo, de seu

proprio movimento, cheio daquella candida confiança de sacerdote novo, resoluto e pio. Veio bem e mal; bem para a minha sympathy, mal para o seu interesse; mas, segundo já disse, nem bem nem mal para o publico, deante de quem esta pagina é de mais.

E comtudo, meu caro poeta, é difficil esquivar-se um homem que ama as musas a não falar de um poeta novo, em um tempo que precisa delles, quando ha necessidade de animar todas as vocações, as mais arrojadas e as mais modestas, para que se não quebre a cadeia de nossa poesia nacional.

Creio que o senhor pertence a essa juventude laboriosa e ambiciosa, que hesita entre o ideal de hontem e uma nova aspiração, que busca sinceramente uma fórmula substitutiva da que lhe deixou a geração passada. Nesse tactear, nesse hesitar entre duas cousas, — uma bella, mas porventura fatigada, outra confusa, mas nova, — não ha ainda o que se possa chamar movimento definido. Basta porem que haja talento, boa vontade e disciplina; o movimento se fará

por si, e a poesia brasileira não perderá o verdor nativo, nem desmentirá a tradição que nos deixaram o autor do *Uruguay* e o autor dos *Tymbiras*.

Citei dous mestres; poderia citar mais de um talento original e cedo extinto, afim de lembrar á recente geração, que, qualquer que seja o caminho da nova poesia, convem não perder de vista o que ha essencial e eterno nessa expressão da alma humana. Que a evolução natural das cousas modifique as feições, a parte externa, ninguém jamais o negará; mas ha alguma cousa que liga, atravez dos seculos, Homero e lord Byron, alguma cousa inalteravel, universal e commum, que fala a todos os homens e a todos os tempos. Ninguém o desconhece, de certo, entre as novas vocações; o esforço empregado em achar e aperfeiçoar a fórma, não prejudica, nem poderia alterar a parte substancial da poesia, — ou esta não seria o que é e deve ser.

Venhamos depressa ao seu livro, que o leitor tem ancia de folhear e conhecer. Estou

que se o ler com animo repousado, com vista sympathica e justa, reconhecerá que é um livro de estréa, incerto em partes, com as imperfeições naturaes de uma primeira producção. Não se envergonhe de imperfeições, nem se vexa de as ver apontadas ; agradeça-o antes. A modestia é um merecimento. Poderia lastimar-se se não sentisse em si a força necessaria para emendar os senões inherentes aos trabalhos de primeira mão. Mas será esse o seu caso? Ha nos seus versos uma espontaneidade de bom agouro, uma natural singelleza, que a arte guiará melhor e a acção do tempo aperfeiçoará.

Alguns pedirão á sua poesia maior originalidade ; tambem eu lh'a peço. Este seu primeiro livro não pode dar ainda todos os traços de sua physionomia poetica. A poesia pessoal, cultivada nelle, está, para assim dizer, exhausta ; e d'ahi vem a difficuldade de cantar cousas novas. Ha paginas que não provém della ; e, visto que ahi o seu verso é espontaneo, cuido que deve buscar uma fonte de inspiração fóra de um genero, em

que houve tanto triumpho a par de tanta quédia. Para que a poesia pessoal renasça um dia, é preciso que lhe deem outra roupagem e diferentes cores; é precisa outra evolução litteraria.

O perigo destes prefacios, meu caro poeta, é dizer demais; é occupar maior espaço do que o leitor pode razoavelmente conceder a uma lauda inutil. Eu creio haver dito o bastante para um homem sem autoridade. Viu que não o louvei com excesso, nem o censurei com insistencia: aponto-lhe o melhor dos mestres, o estudo; e a melhor das disciplinas, o trabalho. Estudo, trabalho e talento são a triplice arma com que se conquista o triumpho.

MACHADO DE ASSIS.

Rio de Janeiro, 4 de Agosto de 1878.

Vous, ô mes chants, adieu ! cherchez votre fumée !  
Bientôt, sollicitant ma porte refermée,  
Vous pleurerez, au sein du bruit,  
Ce temps où, cachés sous des voiles,  
Vous étiez pareils aux étoiles  
Qui ne brillent que pour la nuit.

V. HUGO.



## HUGO EM JERSEY

A' hora em que a terra dorme  
Em fatal somnambulismo,  
Sentindo a attracção enorme  
Do mudo olhar de um abysmo ;  
Quem atira aos quatro ventos  
Os ousados pensamentos  
Dos eternos Prometheus ?  
E, resombrando a humanidade,  
A lyra da tempestade,  
Sacóde nas mãos de Deus ?

Quem, nas graníticas plagas,  
Pergunta ao mar: — não me vês? „  
E o mar lhe conduz as vagas  
A irem beijar-lhe os pés?  
E's tu, genio; oh peregrino!  
Nos hombros pôz-te o destino  
O manto da proscricção...  
Atado nas penedias,  
Da arca das utopias  
E's pomba de promessaõ.

Tens por convivas de exilio  
As aguias das solidões...  
Quem tenta apagar o brilho  
Que espalhas ás multidões?  
Quem pôde, brandindo um facho,  
Escurecer o pennacho  
Sobre a fronte dos cometas?  
Da noite no antro escuro,  
Levas contigo ao futuro  
Pastores, reis e poetas.

.....  
.....

Quando a França semi-morta,  
Disse aos povos de alem-mar:  
— Do desterro pela porta  
Eu tambem quero passar! „  
Disse-lhe Hugo: — vem commigo,

Terás na historia um abrigo,  
Expatriada nação!... „  
Para que o futuro a espóse,  
Ao templo da apothéose  
Leva a França pela mão.

Deste sec'lo nas entranhas  
Fermentam mil epopéas,  
E Deus nas grandes montanhas  
Asyla as grandes idéas!  
De Jersey na informe cara  
Um raio a pique talhára  
De Adamastor as feições;  
N'aquelles céus regelados  
Correm, monstros estrellados,  
— Soberbas constellações.

Ah! d'essa ilha nos cerros,  
Como em carcere inclemente,  
Quizeram pôr a alma a ferros  
Do Titan do continente...  
Uma alma, quem ha que a dome?...  
Quando lançaram-lhe ao nome  
Ondas de trevas a flux,  
Foi ao céu, que o vacuo ensombra,  
Fez dos atomos de sombra  
Enormidades de luz.

Esses heróis constellados  
Têm de apost'los a missão;  
Penetram — seres alados —  
Dos astros na communhão.  
Na lucta em que a alma mergulha,  
Amanhan — é a obra herculea  
Que lhes confia o senhor.  
Trabalham, e a gloria os cinge...  
Amanhan — splendida esphinge  
Do enigma aterrador!

Do genio no verbo ardente  
Ruge divino escarcéu,  
— Borbotão incandescente  
Das profundezas do céu.  
Se um povo immenso se aterra,  
Quando o vendaval da guerra  
Cresta a folha das espadas,  
Tyrtéu acena á victoria,  
E infunde o sangue da gloria  
Nas veias inanimadas.

Hugo, quando o mundo um dia,  
Perguntou-te quem tu eras,  
— Tu cuja mão sacudia  
O eixo azul das espheras;  
Disse o mar — fluido gigante :

— E' d'este seculo o atlante,  
E' dos sóes o precursor! „  
E o pólo, que além se esfuma,  
Abrindo a bocca de bruma,  
Repetiu-o ao equador.

Na orla dos firmamentos,  
Como aureolas sideraes,  
Se espalham flammejamentos  
D'esses nomes triumphaes.  
E a noite acorda espantada,  
Como vestal constellada  
No claustro da solidão;  
Emquanto — pastor estranho —  
O vento guia o rebanho  
De nuvens pela amplidão.

De um sec'lo nas estreitezas  
Não cabe nome tão grande;  
O futuro abre as devêzas,  
Onde elle o seu vulto expande.  
Da idéa ao crucificado  
Nenhum laurel é negado;  
Nem ha quem seja proscripto  
Do porvir, — amplo proscenio!  
— Apostolado do genio!  
— Sacerdocio do infinito!

---

E ante Deus que o genio occulta  
Na chrysalida dos sóes,  
Transfigurado elle avulta  
Fallando ás éras d'após.  
Nivelando hyerarchias,  
De todas as tyrannias  
Funde a cadêa feudal;  
E sobre os montes eternos,  
Espalha aos povos modernos  
Nova aurora baptismal.

## AS CREANÇAS

Creanças, que sois vós? — auroras, risos, flores;  
Eterna primavera, eternos esplendores;  
Prazer, aroma, luz, que perfumaes o lar!  
Correis, cheias de vida, ardentes, inquietas,  
Como um bando feliz de brancas borboletas  
Brincando da existencia ao tremulo luar.

O sylpho matinal a sacudir orvalho  
Da lorangeira em flor por sobre o verde galho,  
Oscula-vos na face e manda-vos sorrir;  
Aquecendo com a aza ao sol crystallisada,  
A cabeça infantil de sonhos estrellada...  
E timido se esvae deixando-vos dormir.

Felizes que sois vós! não conheceis ainda  
A serpe que tortura, em agonia infinda,  
O coração que pulsa ás vibrações do amor.  
Vossa alma é primavera o desdobrar-se em lyrios;  
Não trava-vos na bocca o calix dos martyrios;  
Não ferem-vos a fronte os espinhos da dôr.

Da esperança sonhaes as doces alvoradas;  
Guardaes no vosso seio as notas inspiradas  
Dos passaros do céu, e inda correis após  
O v'lúvel beija-flor, quebrando o vôo incerto,  
Em angulos subtis, dos ares no deserto.  
Sonhae, cantæ, brincae: felizes que sois vós!

Creanças, eu vos amo, — estrophes olorosas  
Da poesia em flor dos astros e das rosas,  
Que mais bellas viçaes ao maternal olhar;  
Eu amo-vos assim — travessas, inquietas,  
Como um bando feliz de brancas borboletas  
Brincando da existencia ao tremulo luar.

## TIRADENTES

Quereis saber-lhe a historia? um rev'lucionario,  
Eis tudo o que elle foi. N'um marco milliaro  
Da estrada do porvir, o nome — só — deixou...  
Porem foi um corisco a penna que o traçou:  
Assim é que se escreve a lucida epopéa  
De quem abriu um sulco e fecundou uma idéa.

Foi grande: é o perfil commum para os heróes;  
Cahi... para crescer; — assim cahem os sóes.  
Sonhou a redempção; no equileo dos tormentos  
Desfez-se o coração em rotos filamentos;

— Foi toda a sua gloria. A laurea perennal,  
Quem a dá é o futuro, — o grande tribunal  
Que canonisa um nome ou chumba a uma memoria  
Uma eterna grilheta — a maldicção da historia.

Inundava-lhe a fronte um duplice esplendor;  
Sentiu tranfigurar-se, e teve por Thabor  
Um degrau do patib'lo: — alta metamorphóse,  
De quem tem no martyrio a propria apothéose!

Na dolorosa via em que elle padeceu,  
A estender-lhe a mão não teve um Cyrenêu.  
Mas subito parou, frio como o alabastro,  
Doirava-se-lhe o craneo a converter-se em astro:  
Era o halito de Deus que ungia-lhe o perfil,  
A saturar de luz a alma varonil.  
Sacudia-lhe o ser estranho magnetismo:  
Era a attracção fatal da morte, — o grande abysmo.  
Então, dentro de si, sentiu-se serenar,  
Como quem vê ao longe o fumo de seu lar  
Erguer-se entre os clarões de rubras atmospheras.  
As musicas da luz e os cantos das espheras,  
Cabindo pelo azul em rapida espiral,  
Entravam-lhe no peito em ondas de crystal.  
E o sol vibrava a prumo um fulgido estilhaço  
Nos rochedos de além como em escudos de aço.

E nesse bracejar do homem para Deus,  
Embora a Inquisição condemne os Galileus,  
Refervem sob a terra, em fermentar profundo,  
Moléculas de um corpo ou átomos de um mundo.

.....  
.....

Oh Prometheus da idéa, a vossa inspiração  
Não sei se vem do céu, ou vem do coração.



## O SYLPHO

O genio da aurora,  
Vagando nos ares,  
Na flôr que descóra  
Talvez de pezares,

Derrama, em segredo,  
Seus beijos de orvalho,  
A' sombra do galho  
De um amplo arvorêdo.

No lindo horisonte  
De nevoas tão cêrulas,  
Depõe-lhe na fronte  
Diadema de pérolas.

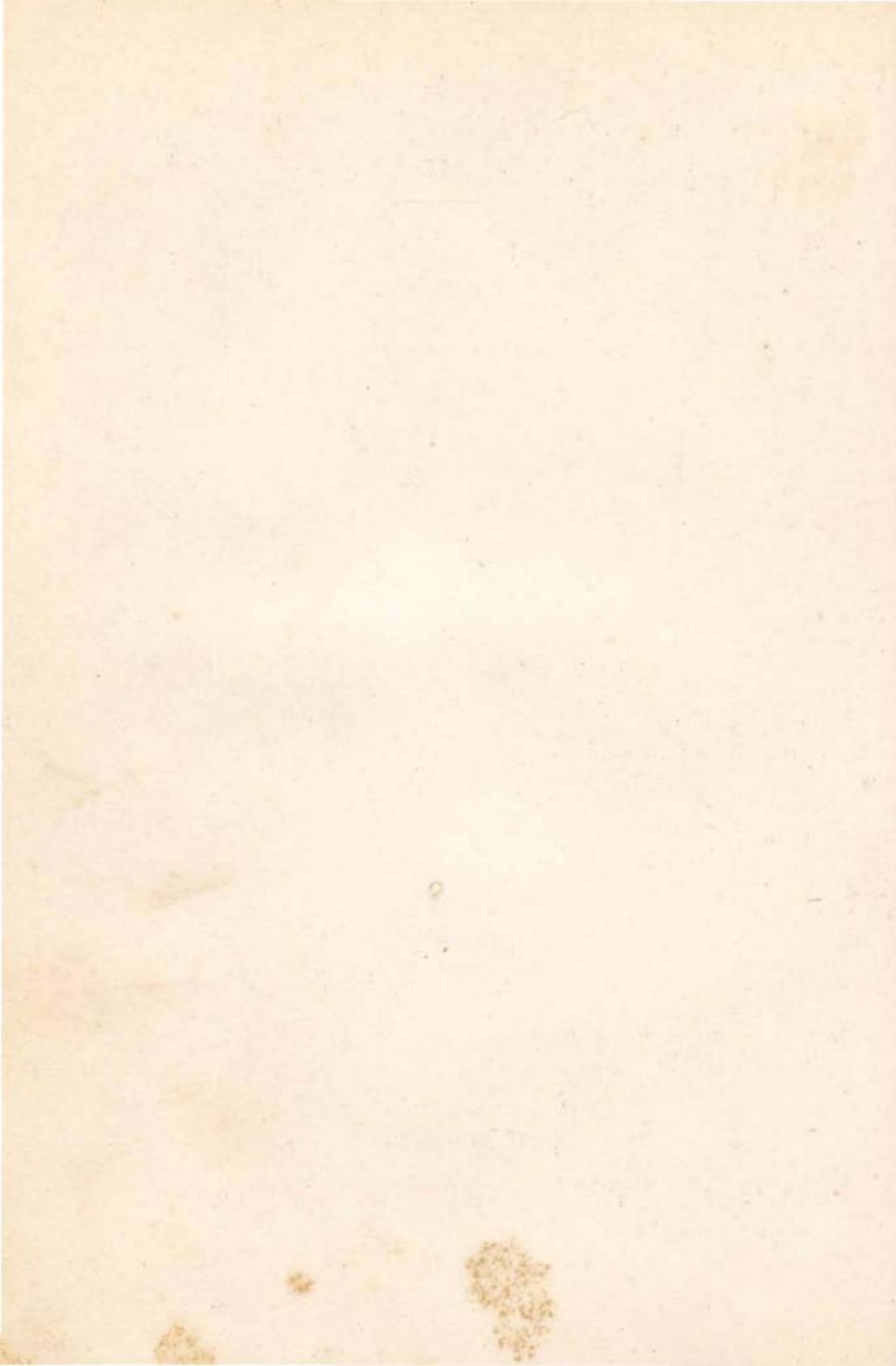
E a flôr tem mais graça,  
Mais viço e mais pejo...  
O sylpho esvoaça  
Na aza de um beijo.

O sylpho é mysterio  
Que vive entre as flôres,  
Diaphano, ethereo,  
Em busca de amores.

Sua aza tão breve  
No espaço caminha,  
N'um vôo tão leve  
Que mal se adivinha.

Não tenham ciumes  
Do sylpho inconstante,  
Que espalha perfumes,  
Subtil, doudejante.

E' o filho risonho  
Dos raios solares....  
O sylpho é um sonho  
Que brinca nos ares.



## FLORES DE UM DIA

Oh illusões doiradas,  
Oh flores vaporosas,  
Oh fadas perfumosas  
Das noites encantadas!

Imagens adoradas,  
Deixastes-me saudosas ;  
Ainda tão viçosas,  
Mas já tão desbotadas!

Vós sois os esplendores  
Que apagam-se nos visos  
Dos ultimos amores :

Crepusc'los indecisos,  
Que morrem como flores,  
Que passam como risos.

## MINHA AMADA

Tu és, oh minha amada,  
No éden da pureza,  
De morbida belleza  
Deslumbradora fada,

A bocca tão rosada,  
De um beijo ao fogo accêsa,  
Como que a natureza  
Talhou n'uma granada.

Na luz dos olhos bellos  
Aspiro infindo alento;  
Fluctuam-te os cabellos,

Que acolhem meu lamento,  
Em madidos novellos  
Da phantasia ao vento.

## IGNOTA DEA

Oh formosa mulher, franzina, pallida,  
Encarnação de um sonho, és a chrysálida  
    Que occulta um ideal.  
D'este mundo no misero degredo,  
De meu destino déste-me, em segredo,  
    O condão virginal.

Eu julguei-me feliz por um instante  
Ao receber no catre, agonisante,  
    A unção de teu olhar!  
N'essa edade de enlevos inquieta,  
Dos meus lyricos sonhos de poeta  
    Vivi só por te amar!

Hauri verdores de teu casto seio;  
De creança no tímido receio  
Pulsou-me o coração,  
Que, arrebatado na aza do delírio,  
Erguendo-se do amor foi ao martyrio,  
Em mystica elação

Mais tarde, blasphemei do meu passado;  
Do calix da amargura envenenado  
Traguei o negro fêl...  
Remorso, patrimonio de infelizes,  
No coração deixaste as cicatrizes  
De ulcera cruel!

Ai! foi por ti, mulher, que eu lacerára  
Viçosas illusões que tanto amára  
De minha vida em flôr!  
Mas minha pobre lyra ainda é tua;  
Tu és de um anjo a imagem que fluctua  
Em meus sonhos de amor.

## AMOR DE PAE

O astro da saudade — a lagryma sublime —  
Sobre as faces de um pae suprema dôr exprime ;  
Em seus labios o riso é da alma a bella aurora  
Que banha em luz de amor o filho que elle adora.

.....  
.....

Sabeis o que é de um pae o sacrosancto amor ?  
Sabeis o que é sorrir para occultar a dôr ?  
Sabeis o que é morrer por escutar um ai ?  
Sorrir, morrer assim é ter amor de pae.



## AVE MARIA

No extase fatal de infindas dôres,  
Librada sobre a aza da agonia,  
Desce a noite da tarde nos livôres :  
Hora sancta da préce — Ave Maria.

Eu adoro-te, oh musa vespertina,  
Oh doce mensageira das tristezas !  
Pomba do céu que passas peregrina  
Da terra pelas lugubres devezas.

A essa hora um concerto de mysterios  
Da solidão nos ambitos fluctua:  
São os segrêdôs ideaes, ethereos,  
Desprendidos do azul de um céu sem lua.

E cae a noite, qual burel de um monge,  
Pelos hombros do mar, brancos de espuma;  
Vão-se as barquinhas esfumando ao longe  
A meio occultas na azulada bruma.

Não sei que força magica é que vibra  
Nos corações votados ao supplicio,  
E que sentem queimar-se fibra e fibra  
Sobre a chamma lustral do sacrificio!

Ave Maria! — communhão das notas  
Da lagryma e da préce que se fundem  
N'uma harmonia só, — quaes duas gôttas  
Que no calix de um lyrio se confundem!

Ao som de tua intima agonia,  
Do Christo pelas palpebras dormentes,  
Sobre o livido peito se desfia  
Um rosario de perolas candentes.

## MUSA CONSOLATRIX

E's fada tentadõra  
Nas ancias do delirio;  
Nas noites de martyrio  
— Visão consoladora.

Quem é que me envenena  
O craneo desvairado?...  
Eu choro: o desgraçado  
De si mesmo tem pena.

Do meu procusteo leito  
Nas lentas agonias,  
Em horas tão sombrias,  
Apertas-me a teu peito.

Imagem viva e pura  
Do meu passado louco,  
De mim desvia um pouco  
O calix d'amargura!

Levando a dôr ao cumulo,  
Vieste ao universo  
Sorrir sobre meu berço,  
Chorar sobre meu tumulo.

Quando eu achei-me triste  
Com a minha triste sina,  
Oh musa peregrina,  
Chamei-te, e tu me ouviste.

E's fada tentadora  
Nas ancias do delirio...  
E's musa do martyrio,  
Visão consoladora!

## SEMPRE ELLA

E' ella ; é sempre ella,  
Na minha erma paragem,  
A tentadora imagem  
Que solitaria véla.

O olhar seu me revela  
Esplendida miragem ;  
Da magua na voragem  
Eu caio, se perdel-a.

Na minha dôr infinda  
Que em ais ao céu se exhala,  
Oh! vejo-a sempre linda.

Meu coração estala!  
Porem eu quero ainda,  
Viver para adoral-a!

## LA ROSE ET L'AMOUR

L'amour est comme la rose  
Qui sur sa tige est éclosé  
Par la rosée du matin ;  
C'est un nuage ou un rêve  
Qui s'évapore et s'élève,  
Comme un baiser sur ton sein.

Mais, ah! ce baiser s'efface,  
Et les ombres de l'espace  
Seront, qui sait, son tombeau!...  
Et l'amour va solitaire  
Se cacher dans le mystère,  
Qui est sa tombe et son berceau.

---

Pour cela, dans mon délire,  
Quand mon cœur vibre ma lyre,  
Toujours sans écho, toujours ;  
Pardonne que je dépose  
Sur le sein de cette rose  
Le secret de mon amour.

Paris, 1874.

## MEU ANJO

A graça aformoseia  
Teus risos purpurinos;  
Aos beijos matutinos  
Tua alma se afogueia.

Teu craneo é a colmeia  
Dos ideaes divinos:  
Só tu fazes que eu creia  
Nos anjos peregrinos.

---

Tu vives dos amores,  
Dos sonhos e das flôres,  
— Por Deus illuminada —

Na sancta primavera:  
E's anjo de uma esphera  
Tres vezes constellada.

## E' TARDE

Mulher linda, poetica,  
Se não és anjo— ignoro;  
Por isso é que te adoro  
Com devoção ascetica.

E choro a angustia sceptica  
De mortos sonhos d'ouro:  
E' de um eterno choro  
A lagryma prophetica

Eu amo-te! Oh loucura!  
Da morte o atroz grilhão  
Me prende á sepultura.

No peito que é vulcão,  
Ignota voz murmura:  
E' tarde, coração!

## O ENGEITADO

A pagina sem luz do livro da miseria  
Na qual a mão de Deus a maldicção gravou,  
E' uma sombra enorme ou lápida funerea  
Que esmaga ao infeliz que a mãe repudiou.

Forasteiro no berço, ainda creancinha,  
De seu peito o vagido é um profundo ai...  
A mão tres vezes sancta — aquella que o acarinha —  
E' a mão do bemfeitor que diz-lhe: — eu sou seu pae.”

A pobre da creança, em seu viver sombrio,  
Terá, quando ancião, por companheira a dôr...  
Os dous pólos da vida os prende immenso fio  
De lagrymas de sangue e não prantos de amor.

O mundo é um deserto; á beira do caminho  
A voz da maldicção ao infeliz conduz;  
E elle, como uma ave em busca de seu ninho,  
Vae encontrar o abrigo em baixo de uma cruz.

O mundo não se dóe do misero engeitado  
Que o sancto amor de mãe não soube o que é sentir...  
O orvalho do martyrio inunda-lhe o passado;  
A nuvem do infortunio ensombra-lhe o porvir.

## UMA SOMBRA

Em ti é que eu penso nas noites de insomnia,  
No ardor da vigilia, sosinho a chorar,  
Escuto teu nome que triste divaga  
    Nas queixas da vaga,  
    Nas vozes do ar.

Então, nessas horas de febre e delirio,  
A' luz das estrellas de mago fulgor,  
Na esqualida mente saudades se inflamam,  
    E as brizas derramam  
    Segredos de amor.

A lua, qual tremula ondina escondida  
Nos densos vapores do lago do céu,  
E' a musa adorada de minha agonia,  
    Que dorme sombria  
    Da noite no véu.

Porque te não vejo sorrindo a meu lado,  
Mulher ou archanjo, que em extase eu vi?...  
Porem nossas almas de longe se abraçam  
    E as brizas que passam  
    Me fallam de ti.

Minh'alma é a bussola errante nos mares,  
A' furia dos ventos de incerta paixão ;  
Tua alma é o pólo que a bussola domina :  
    Arrasta e fascina  
    Com viva attracção.

Por isso eu te busco... mas foges-me sempre,  
Imagem aérea na qual se não crê !  
Mais fria que um beijo n'um labio de estatua,  
    Tu és chamma fátua  
    Que ao longe se vê.

## CONFISSÃO

Eu nunca tinha amado. Um dia uma visão,  
Artístico ideal que a imaginação  
Faz levantar do pó p'ra sepultar n'um sonho,  
Terrível muita vez, e muita vez risonho,  
Eu vi passar além; e, quando a procurei,  
Apenas uma sombra em sonhos encontrei.  
Então, talvez amasse...Eu era inda creança,  
Contemplando um painel de magica esperança  
No céu do meu futuro! Agora amo demais...  
Amor condenado ao som de longos ais!

E sabes qual a sombra após a qual eu corro?  
E sabes a quem amo? e sabes por que morro?  
Eu amo essa visão que fez-me enlouquecer:  
Tu eras a visão; eu amo-te, mulher!



## O MISSIONARIO

Quem é aquelle vulto exausto e quasi morto,  
Qual naufrago sem tino a procurar um porto?  
Que corre solitario os vastos areiaes  
Mandando aos pés de Deus uns prolongados ais?  
Que abysma-se no amor do martyr do Calvario  
E faz do peito seu da crença o sanctuario?  
Quem é? — o Missionario — o apostolo da cruz!  
Vede-o: a grandeza da alma em seu olhar transluz...  
Naquelle fronte pesa o anathema solemne  
Que o mundo lhe atirou em um rancor infrene.

Que importa-lhe, porem, do mundo esse rancor,  
Se elle tem sobre si a bençam do Senhor ?  
Que importa-lhe que o mundo o seu martyrio esqueça,  
Se do martyrio a laurea enrama-lhe a cabeça ?

Penetra na floresta, e della um templo faz,  
Para plantar ahi o symbolo da paz.  
Percorre, sem temer, um labyrintho escuro  
Por onde vae bater ás portas do futuro.  
O mundo é densa treva, enorme escuridão ;  
Mas elle já vê perto o alvor da redempção.  
Na mão leva uma cruz — estrella resplendente,  
Que das névoas do pólo á luz do oriente  
Estende o brilho seu, e para mais brilhar  
Converte o universo em sacrosancto altar.

No immenso do deserto, a sós com a natureza,  
Vagando pela terra, a alma no céu prêsa,  
Qual apjo do martyrio a derramar a fé,  
Em sobrehumano affan, na solidão até,  
Escuta a voz de Deus e cobra mais coragem  
Para levar ao cabo a tetrica romagem.

Porem, com Moysés, só pôde lobrigar  
A Chanaan da fê sem lá poder entrar,  
Porque, quando esgotou a taça do martyrio,  
A alma assoberbada em mystico delirio

Deixou a terra ingrata e para o céu voou,  
Qual atomo de Deus que para Deus voltou.

Como é nobre morrer como morreu Lisardi!  
Quando no peito a fé mais viva e pura arde!  
O ronco do pampeiro é o dobre funeral,  
E de uma estrada o sulco — a valla sepulchral.



## JUNCTO DE UMA CREAÇÃO

Tão meiga tão pura,  
Edénea criação,  
Tu és como a pomba  
Feliz da aliança

A luz te fascina  
Qual sonho doirado,  
Bem como ás calhandras  
Espelho encantado.

São tão diferentes  
As nossas edades ;  
Tu sonhas venturas,  
Eu nutro saudades.

Teus sonhos não guardam  
Martyrios nem penas :  
São nuvens douradas  
De loiras phalenas.

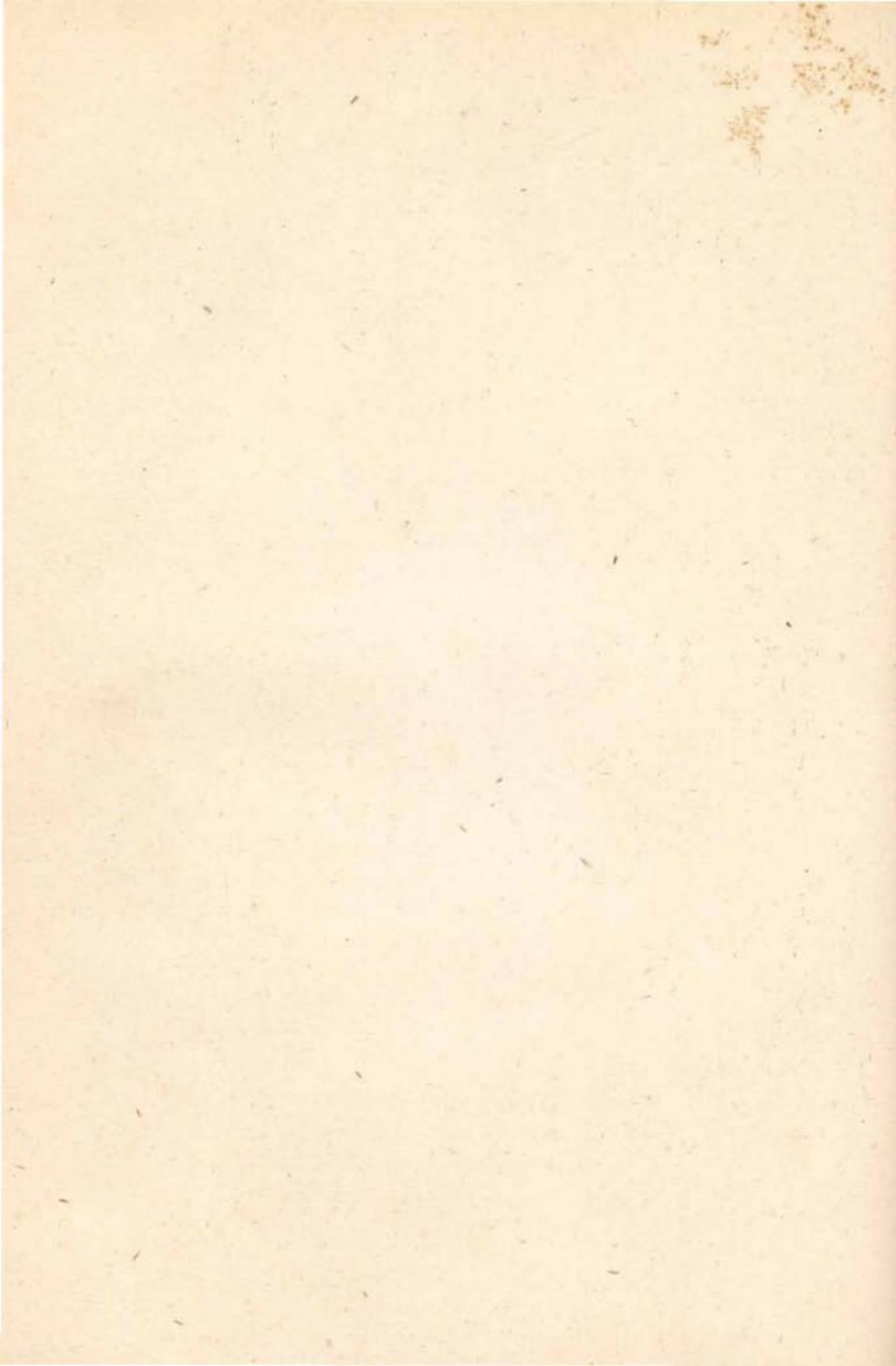
Semelha-te a vida,  
Nos lindos albores,  
Idyllio de graças,  
Poema de flores.

Não venhas, creança,  
Brincar a meu lado ;  
A mim não te chegues  
Que sou desgraçado.

Creança não venhas  
Ouvir meu lamento ;  
— Estrella, não desças  
Do teu firmamento.

Tu trazes o seio  
Banhado de amores,  
E a fronte enfeitada  
De candidas flôres.

Oh ! deixa-me, anjinho,  
Chorar minha sorte ;  
Não lembres-me a vida,  
Que eu penso na morte.



## NO ERMO

Alma que corres pelas êrmas plagas  
Sem ter um astro que te aponte o nôrte,  
— Barca perdida sobre o mar da vida,  
Desfralda o panno á viração da morte!  
Pomba erradia que perdeste o ninho,  
As pandas azas sacudindo ao ar,  
Libra teu vôo pelo azul do espaço,  
Vae tuas pennas no arrebol doirar !

Astro cadente que conduz a barca  
Que vae do berço naufragar 'na cova,  
— Oh morte ! oh morte ! porque vens tão tarde  
Mostrar-me a aurora de uma vida nova ?

Leva-me ! leva-me em teus raios tremulos !  
A vida é nota que subtil se esvae  
Como do peito se desata e foge  
A doce estrophe que soluça um ai.

Abre-me o seio, solidão amiga,  
Dos meus segredos precioso cofre,  
Ninho bemdicto de quem perde o berço,  
Asylo sancto de quem muito soffre !  
Irman da morte, no teu labio mudo  
Dorme o mysterio de uma voz, talvez...  
Sómente o louco, no sonhar da febre,  
E' quem entende-lhe a fatal mudez.

Por isso eu quero de teus braços frios,  
— Rosca terrivel de cruel serpente, —  
Sentir o amplexo triturar-me o peito  
Que se atrophia porque já não sente.  
Emquanto a noite scismadora dorme,  
Ao desabrigo dos tufões do céu,  
Como um phantasma coroadado d'astros,  
Envolto em sombras de azulado véu.

E quando a aurora desdobrar as faixas,  
As lindas faixas de doirada opala,  
Talvez nem mais a vibração se escute  
Da ultima nota que do peito estála...

Então, oh brizas que passaes voando  
Por esses êrmos em que eu já chorei,  
Varrei a terra que bebeu meu pranto!  
Trazei-me o nome da mulher que amei!



## CONFIDENCIA

Amigo, a minha vida é nebulosa immensa ;  
Não ha raio do sol que possa atravessal-a...  
O brilho de uma estrella — a luz de minha crença —  
Apenas por sobre ella inclina-se e resvala.

Mas inda sou feliz, porque quando se abraza  
O coração no peito e quer uma harmonia,  
Um anjo rompe a bruma e com a ponta da aza  
A fronte me incendeia: o anjo é a poesia.



## EPITAPHIO

Anjinho de azas de neve  
Que desertára dos céus,  
Sentiu saudades, e em breve  
Voou aos braços de Deus.



## LONGE

Oh ! quando eu não mais vi-a,  
Maldisse a minha sorte,  
E blasphemei do norte  
Que a mim me conduzia...

E hoje a agonia  
Que punge-me é tão forte,  
Que invejo a dôr da morte  
Que o coração esfria.

No abysmo de um arcano  
Procuo embalde vêl-a;  
Bem como o nauta — insano —

Na vasca da procella,  
Busca sobre o oceano  
O escudo de uma estrella.

## APPARIÇÃO

Se vejo-te enlevada  
N'um fluido de harmonia,  
Entreabre a phantasia  
A petala doirada.

Tu és visão sagrada  
No lar da poesia,  
De celica magia  
A fronte illuminada.

Reveste-te a pureza  
De um raio de beleza,  
E um raio de languor.

Fresco como os lilazes,  
Teu seio é o oásis  
Em que respira o amor.

## LEMBRANDO-ME DE TI

Era ao cahir da noite; á hora em que a saudade  
Aperta o coração, e, em longa anciedade,  
A mente — náu perdida — em alto mar divaga,  
Entre o gemer da brisa e o soluçar da vaga.

E eu estava só... Sentia aos meus ouvidos  
Um multiplo tropel de tetricos gemidos :  
Queixumes de quem ama, adeuses de quem morre,  
Emquanto após a flôr a borboleta corre.

Dormia a solidão — a muda companheira —  
Em cujo seio eu quero a estrophe derradeira  
Do meu peito exhalar, qual ultima harmonia  
Em vaporosos ais... No calix da agonia,  
Encontra-se tambem o balsamo divino  
Em que sorve a esperança exausto peregrino

E eu triste scismava, e via-te a meu lado  
Qual anjo protector que ampara o desgraçado.  
Mas era uma illusão, — phantasma tão risonho  
Que vive como a flôr, e morre como o sonho!

A' luz dos olhos teus preendi o meu futuro,  
— O mystico painel de um ideal tão puro!  
E vivo hoje a chorar, bem como quem procura  
Salvar o coração na paz da sepultura,  
— A aza maternal que ao infeliz aquece.

O nome teu será a minha ultima préce...  
Lembrando-me de ti, ai quão feliz morrera...  
O cysne canta e morre em plena primavera.

E a nota que concentra — aerea e dolorida —  
Das noites o mysterio e o brilho das auroras,  
Desata élo por élo á cadeia da vida,  
Como um roto collar de lagrymas sonóras.

## LACRIMÆ RERUM

Oh noite, quando passas,  
Em tuas sombras mudas,  
Espalhas mil desgraças:  
Mil bronchites agudas.

E's a visão suprema  
Do ideal platonico ;  
Oh noite, és o poema  
Do rheumatismo chronico !

Lua, — que és dos espaços  
A immortal cigana,  
Estende-nos teus braços,  
Dá-nos uma tisana ;

Embora doce ou agre,  
Que seja de efficacia :  
— Benefico milagre  
Da sideral pharmacia.

Da coqueluche incommoda  
Para o infernal achaque,  
Em tua tenda nomada  
Não tens talvez cognac ?

Por teu fulgor macio  
Que em raios se constella,  
Manda-nos para o frio  
Dez metros de flanela

Desgraça ! ter-se a mente  
Qual incendiado archóte,  
E tiritar a gente  
A' mingua de um capóte !

## AMARGURAS

Sobre o mar agitado dos tormentos  
Um dia eu me perdi,  
E embalde perguntei aos quatro ventos :  
— Porque foi que nasci ?

Desamparou-me a ultima esperança  
Que o meu peito nutriu,  
— Phantastica miragem de bonança  
Brilhou e se esvaiu.

Minha infância passou qual de uma aurora  
O fugitivo espaço;  
Já não sinto a seu seio unir-me agora  
De minha mãe o abraço.

Meu peito é como um templo abandonado,  
Já quasi a desabar;  
A imagem saudosa do passado  
Habita o ermo altar.

A saudade é o anjo das tristezas  
Que me acompanha a mim.  
Opprimem-me pungentes incertezas,  
— Pesadêlo sem fim!...

Oh! eu invejo a ave que se esconde  
No espesso laranjal:  
Ao gemido do mar ella responde  
Com o canto matinal!

E á hora fatal de ave-maria,  
Quando adormece a flôr,  
Ella solta uma casta melodia  
De limpido frescor.

---

Dos meus candidos sonhos innocentes  
    Bem cedo despertei ;  
E o tributo de lagrymas ardentes  
    Ao martyrio paguei.



## UBIRAJÁRA

Nunca vistes as palmeiras  
Tremendo, ao pendôr do dia,  
— Sussurrantes cabelleiras  
Que sacóde a ventania ?  
E o velho coqueiro enorme  
Quando nas ramas lhe dorme  
O genio dos 'furacões ?...  
Quando, do mar aos apupos,  
Os ventos formam mil grupos  
Das nuvens nas solidões ?

Vistes, ao cedro guerreiro,  
Hirto, immovel, taciturno,  
Vir enroscar-se o pampeiro  
No pugilato nocturno?  
Na furia dos elementos,  
Luctou com todos os ventos,  
Ninguem o viu fraquejar;  
E, quando fendido em lascas,  
Da propria morte nas vascas  
E' forte como o jaguar!

Da floresta entre os rumores,  
O raio um tronco derruba,  
Cahem por terra os condores,  
Estortéga a suc'ruiuba.  
Arde alem uma fogueira,  
Na raiz da cordilheira  
Mostrando um vulto de pé:  
De si para si resmunga  
Emquanto *tupá-cinunga*  
Lhe vem bramir ao sopé,

Destemido, forte, moço,  
Pende-lhe ao lado o tacape;  
Traz um collar no pescoço,  
Na cintura o enduape.  
Guerreiro nunca vencido,

Em seu orgulho — atrevido,  
Não acha por quem se troque,  
Não acha com quem se eguale,  
Quer no monte, quer no valle,  
Desde o Prata ao Oyapock.

Frente a frente ao inimigo,  
Quando restruge o boré,  
Assoberbando o perigo,  
Haveis de vel-o de pé!  
De cada lucta na historia,  
Cinzela mais uma gloria  
No seu brazão marcial;  
E crê-se, em sua façanha,  
Antes lasca de montanha  
Que contingente mortal

Do mar nas quentes areias,  
Fita o longinquo arrebol;  
No sangue de suas veias  
Circula um raio de sol.  
Mede a curva aos horisontes,  
Abate todas as fronte  
Da cobardia no pó,  
E pensa, da alma no fundo,  
Que, na conquista do mundo,  
Ninguem mais — basta elle só !

Da taba para o resgate,  
Vôa ligeira a taquára...  
Mas a palma do combate,  
Quem a tem é Ubirajára.  
Travada a lucta, — convulso,  
Peito a peito, pulso a pulso,  
A gloria dá-lhe o florão!  
Não ha quem lhe resistisse  
Que — cadaver — não cahisse  
Chumbado no pó do chão!

Se, por sobre a penedia,  
Ruge a cratera do céu,  
Quando tosse a ventania  
Na garganta do escarcéu;  
Entre as roscas da procella,  
Quando a vaga se atropella  
Sobre o arido alcantil,  
Sempre a indomavel bravura,  
Como uma chamma, fulgura  
No seu moreno perfil.

Nada conturba-lhe a calma,  
Nem lhe desmente o valor;  
Elevam-se á tona da alma  
Seus brios de vencedor.  
Elle que affronta as desgraças,

Que vence todas as raças  
No lustre de seus braços ;  
Confirma a heroica nobreza,  
Muito embora a natureza  
Rebrame em negros bulcões.

Se um dia a morte a seu lado  
Vindo feril-o á traição,  
Deixar de cinza um punhado  
Onde fôra o coração ;  
Hão de os guerreiros nos lares  
Erguidos entre os palmares,  
No seu valor meditar ;  
E dizer, na alma pungidos,  
Pela mesma dôr feridos :  
— “ Nós havemol-o imitar ! ”



## TEU NOME

Teu nome é a confiança  
De um labio feiticeiro...  
E' o halito primeiro  
De divinal essencia.

Orvalho de clemencia,  
No lugubre roteiro,  
Que segue o forasteiro  
Nas selvas da existencia.

Teu nome é o som que vibra  
Na mais sagrada fibra  
De um ermo coração ;

Seraphico, poetico,  
Tem o perfume ascetico  
De languida oração.

## OS ABANDONADOS

Oh mães, que o vosso seio  
Negastes — inclemente —  
Ao pequenino ente  
Que tinha-o por esteio,

Dizei se não vos veio  
A embater na mente,  
A sombra persistente  
De um intimo receio!...

---

Do pobre abandonado,  
Que em faixas de engeitado  
Vestiu eterno luto,

Senhor! condóe-te agora!  
Maldize a flôr, embora,  
Mas abençôa o fructo.

## A CASTRO ALVES

*The flash of Wit—the bright Intelligence,  
The beam of Song—the blaze of Eloquence,  
Set with their Sun—but still have left behind  
The enduring produce of immortal mind.*

BYRON.

Era um genio, e morreu inda creança,  
Affagando talvez uma esperança,  
— Utopia de um sonho matinal ;  
Alma lançada ao turbilhão dos ventos,  
Fitára, á luz do grandes pensamentos,  
O pólo do ideal.

Era um genio ; nasceu predestinado.  
Curvára a fronte — sonhador ousado —  
A' sombra do fatidico laurel ;  
Qual de columna colossal, marmorea,  
Ao peso immenso dos florões da gloria,  
Se curva o capitel.

De desalento n'uma hora inquieta,  
Arrancára a corôa do poeta,  
E ia as folhas lançar ao pó do chão...  
Mas o assombro deteve-o como morto...  
Depois sorriu-se, pensativo, absorto :  
— Tinha estrellas na mão !

Nossas florestas lhe atiraram flôres !  
Recebeu a visita dos condores  
No amphitheatro dos rochedos nús...  
Respirando do céu as primaveras,  
Sentiu n'alma, ao contacto das espheras,  
A infiltração da luz.

Nas mãos de Deus su'alma estava prêsa,  
Engastada no annél da natureza,  
— Grilhão de ouro que acorrenta o sol...  
No entanto, d'essa vida cometaria,  
Coava-se a molecula precaria  
Do tum'lo no crysol.

Poeta, muito amor elle sonhava,  
Quando do peito a estrophe borbotava  
Rutilante do brilho das manhans...  
Cingiu a fronte de laureis eternos,  
Filho da raça dos Tyrtêus modernos  
— Familia de Titans !



# AO INSTITUTO DOS ACADEMICOS

## DA CÔRTE

Aqui falla o exemplo,  
Labio sempre fecundo.  
Abriu-se um novo templo  
Ao sol do novo mundo.

Ouvis a voz do seculo  
Que brada-vos — seguir?  
Ide, legionarios,  
Conquistar o porvir.

Grandes estatuarios  
Que os Andes eventraes,  
Para esboçar da gloria  
Os bustos colossaes,

Sois como do Evangelho  
O bom semeador ;  
Não maldigaes a mésse :  
O fructo após a flor.

Hosannas ao trabalho  
Cantaes em vosso affan...  
Obreiros sois de hoje,  
Apost'los de amanha.

O cerebro é uma força,  
O braço uma alavanca :  
*Away!* quem é que o livro  
Das vossas mãos arranca ?

No cedro da sciencia  
Talhae a vossa cruz :  
Vontades — sois de bronze !  
Talentos — sois de luz !

## A ORPHAN

Orphanzinha que perdeste  
De tua mãe os carinhos,  
Como flor que nasce e cresce  
Desgarrada nos caminhos,

Na primavera da vida,  
Sem o orvalho materno,  
A tua alma converteu-se  
Em uma noite de inverno.

Mas se a noite é o poema  
Das estrellas e das sombras,  
Tu és a nuvem opáca  
Que o céu do destino ensombras.

Em teu céu, pobre creança,  
Nem mesmo uma estrella brilha;  
Não tens no peito um affecto:  
Não sabes o que é ser filha.

Teu coração é esteril,  
— Flor que o aroma perdeu,  
E que pede ao céu o orvalho  
Que a tempestade varreu.

Entre os espinhos da vida,  
Sem ter mãe, sem ter amor,  
Quem prediz o teu futuro,  
— Pannel sombrio da dôr?...

Quando levantas os olhos  
Para o céu e o vês tão lindo,  
Ai! quanto estrellado sonho  
Não vês tu passar sorrindo?

Mas o céu, p'ra quem recebe  
Da desventura o baptismo,  
Não tem luz nos seus mysterios,  
E' mais negro que um abysmo!

Ai ! as estrellas semelham-te,  
Na mudez de sua luz,  
Gottas de sangue que escorrem  
Dos cravos de tua cruz!



## PRIMAVERAS

O campo já verdeja em plena primavera ;  
Arqueia o firmamento a cupola severa,  
Na cincta do horisonte acorrentando o mar.  
Um fremito ideal agita os arvoredos ;  
Gemem sombriamente as cordas dos rochedos,  
E a noite envolve a terra em faixas de luar.

Roçando do poente ás laminas de ferro,  
Culmina no infinito o solitario cerro,  
De brumas vesperaes envolto no albornoç ;  
Tem sêde a terra, e pede orvalho ao firmamento,  
— Aberto escriptorio azul, de joias opulento,  
No qual Deus enthezoura as lagrymas dos sóes.

Com tintas ídeaes de magicas palhetas,  
Matisa a phantasia os sonhos dos poetas,  
Correndo volitante em aureo turbilhão ;  
A natureza dorme ao cantico das aves,  
Cadenciado, talvez, em notas tão suaves  
De um Éden musical na grande affinação.

Quando, sorrindo á terra, a loira estrella brilha,  
Dos sonhos confidente, ignota maravilha —  
E' doce confiar-lhe os doloridos ais :  
A alma se dilata em tal incandescencia,  
Que desprende de si mais perfumosa essencia  
Que, os lyrios do Levante e as rosas tropicaes.

Aos ares sólto então meus loucos pensamentos,  
Que unidos n'um concerto á voz dos quatro ventos,  
Fazem pela amplidã oorgiaco festim...  
No manto da campina, immenso e vicejante,  
Deixando scintillar o pó de diamante,  
Sacóde a borboleta as azas de setim.

Começam a zumbir nas sombras recatadas,  
Os nossos corações, — abelhas inspiradas  
A elaborar o mël do universal amor.  
A voz da criação é uma em toda a parte,  
Caminha em vario som, sem convenções da arte,  
Do labio da creança ao calice da flôr.

Mas n'esse ardente affan de amar soffregamente,  
Um vulto de mulher se nos desenha á mente,  
E em pouco nos estende a salvadora mão...  
Ha sempre um anjo bom que a todos apparece  
A aza que ao subir ao céu conduz a prêce,  
E' a mesma que ao descer espalha a redempção.

Feliz de quem respira a dupla primavera,  
Que os páramos inflora e as almas retempéra  
Com a seiva de luz de célicas paixões :  
Aquella é a grande urna a transvasar verdores ;  
Esta — a sancta estação de idyllicos amores  
Que aclara da existencia as longas solidões.



## A OFFICINA

Quem é que não conhece aquelle templo,  
Que me extasia a mim quando o contemplo,  
E beijo-lhe o altar ?  
— Officina sagrada do trabalho,  
Onde range o buril e tine o malho,  
Do dia ao clarear ?

O operario alli é grande é nobre..  
Nada importa que seja humilde e pobre  
O berço em que nasceu.  
O berço nada val... Que val o ninho  
A' ave que no ar abre caminho,  
Alçando o vôo ao céu ?

O trabalho ennobrece: a elle o povo  
Erige cada dia um templo novo,  
Em sublimado affan;  
Como rei do progresso vão saudal-o  
Os canticos do mar, e festejal-o  
Os hymnos da manhan.

A biblia do trabalho é o livro sancto  
Que ao pobre do operario enchuga o pranto,  
Banhando-o em sua luz...  
E de martyr que elle era heroe se torna:  
Sobre o altar do martyrio Deus entorna  
Os reflexos da cruz.

O progresso é uma força que não pára;  
Está no alto mar, está no Sáhara,  
Em toda a parte está:  
Gravitando com os céus, vña com os ventos,  
E, dilatando a esphera aos pensamentos,  
A luz tambem lhes dá.

O verbo do trabalho brilha escripto  
Sobre os troços de bronze e de granito  
Que o tempo não desfaz.  
A officina é um templo; o operario  
E' o levita que guarda o sanctuario  
Do progresso e da paz.

## MORRER DE SAUDADES

Tu nunca sentiste  
Febris anciedades:  
Viver de esperanças,  
Morrer de saudades.

A dôr é o astro  
Que eu vejo, que eu fito,  
E o ermo calado,  
Meu lar de proscripto.

A' noite, nas horas  
Dos sonhos edeneos,  
Tambem quando vagam  
Das sombras os genios ;

E's tu que me alentas,  
E's tu que me abrasas,  
— Visão que desceste  
De um anjo nas azas.

Chorando commigo  
Meu agro tormento,  
Perfumas de encantos  
O meu pensamento.

Commigo convives  
Nas minhas tristezas,  
Errando das scismas  
Por entre as devesas.

Se tento agarrar-te  
Nas candidas vestes,  
Esvaes-te, deixando-me  
Aromas celestes.

Derramas de affagos  
Infundo thesouro,  
Qual magico philtro  
Dos sonhos de ouro.

Tu és do deserto  
Divina miragem,  
Ermando perdida  
Da dôr na voragem.

Teu brilho deslumbra,  
Refulgido, ethéreo,  
Rasgando a cortina  
De escuro mysterio ;

E mostra-me o barathro  
Horriavel, desfeito,  
Que vem entreabrir-se  
No fundo do peito.

Eu choro e bemdigo  
Teu rastro piedoso,  
Impresso em meu triste  
Viver desvairoso.

---

Ah! longe dos mundos  
De ignota magia,  
Crucia-me e mata-me  
Atroz nostalgia!

Ha muito supplicio  
Cercado de flores :  
Morrer de saudades,  
Vivendo de amores!

## AO PÉ DO BERÇO

Deus perfuma-te a face com um beijo,  
E em sonhos te apparece,  
Quando, ao calor de uma aza que não vejo,  
O coração te aquece.

A's vezes, quando dormes, eu me inclino  
Sobre teu berço e busco do destino  
Ler a pagina em flôr que n'elle existe;  
De tua fronte sancta e curiosa  
Docemente approximo, temerosa,  
A minha fronte pensativa e triste.

Como um raio de luz do paraíso,  
Teu labio esmalta virginal sorriso...  
Ao vêr-te assim, extático me alegre.  
Bebo em teu seio o halito das flores,  
Oasis no deserto dos amores,  
Página branca de meu livro negro!

## TON REGARD

N'as-tu pas vu l'hirondelle  
Reposer sur le gazon,  
Et ensuite ouvrir son aile  
Et se perdre à l'horizon ?

N'as-tu pas vu la vaine ombre,  
Qui bientôt est épanouie,  
Gravir la montagne sombre  
Qui dans un instant l'oublie ?

Comme l'ombre qui s'envole  
Demandant de la clarté,  
Et l'hirondelle qui vole  
Dévoilant l'immensité,

Mon âme, toujours errante  
Dans le désert du hasard,  
A trouvé l'aube éclatante,  
— Le bonheur — dans ton regard.

La vie, cette route immense,  
Je la parcours sans frayeur :  
Ton regard est l'espérance,  
Et le flambeau de mon cœur!

Le matin, quand tu te lèves  
Amoureuse tous les jours,  
Tu dis : " adieux, ô mes rêves!  
Reveilleiz-vous, mes amours!"

Sais-tu ce qui me conforte ?  
C'est ton regard velouté ;  
Et dans mon cœur je le porte  
Comme un rêve sculpturé.

## AMEI-TE!

Amei-te ! oh longo martyrio!  
Oh funesta insensatez !  
Após a febre da insomniã  
Achei da campa a friez.

Foi na loucura de um extase  
De voluptia oriental,  
Que julguei-te, casta e languida,  
O meu sonho divinal.

---

Enganei-me, e então em lagrymas,  
Na mudez das afflicções,  
Desataram-se as chrysalidas  
De tão loiras illusões!

Pensei que no peito ardia-te  
O fogo de uma paixão,  
Mas era peito de estátua  
Onde não ha coração.

## O CEMITERIO

Eu fui ao cemiterio quando a noite  
Vinha descendo a rampa do horisonte,  
Qual aza immensa de celeste corvo  
Velando a face do sinistro monte.

E os zephyros da morte alli passavam  
Na correria de um tropél aereo;  
São elles os arautos invisiveis  
Das mensagens do pranto e do mysterio.

E' a sepultura hospitaleira eterna  
Ao peregrino que lhe bate á porta,  
Cuja entrada em triumpho ella celebra  
Nas bronzeas cordas de uma lyra morta.

O cemiterio é vasto ancoradouro,  
São os esquifes solitarias náus...  
Da eternidade ás infinitas praias  
Promiscuamente aportam bons e máus.

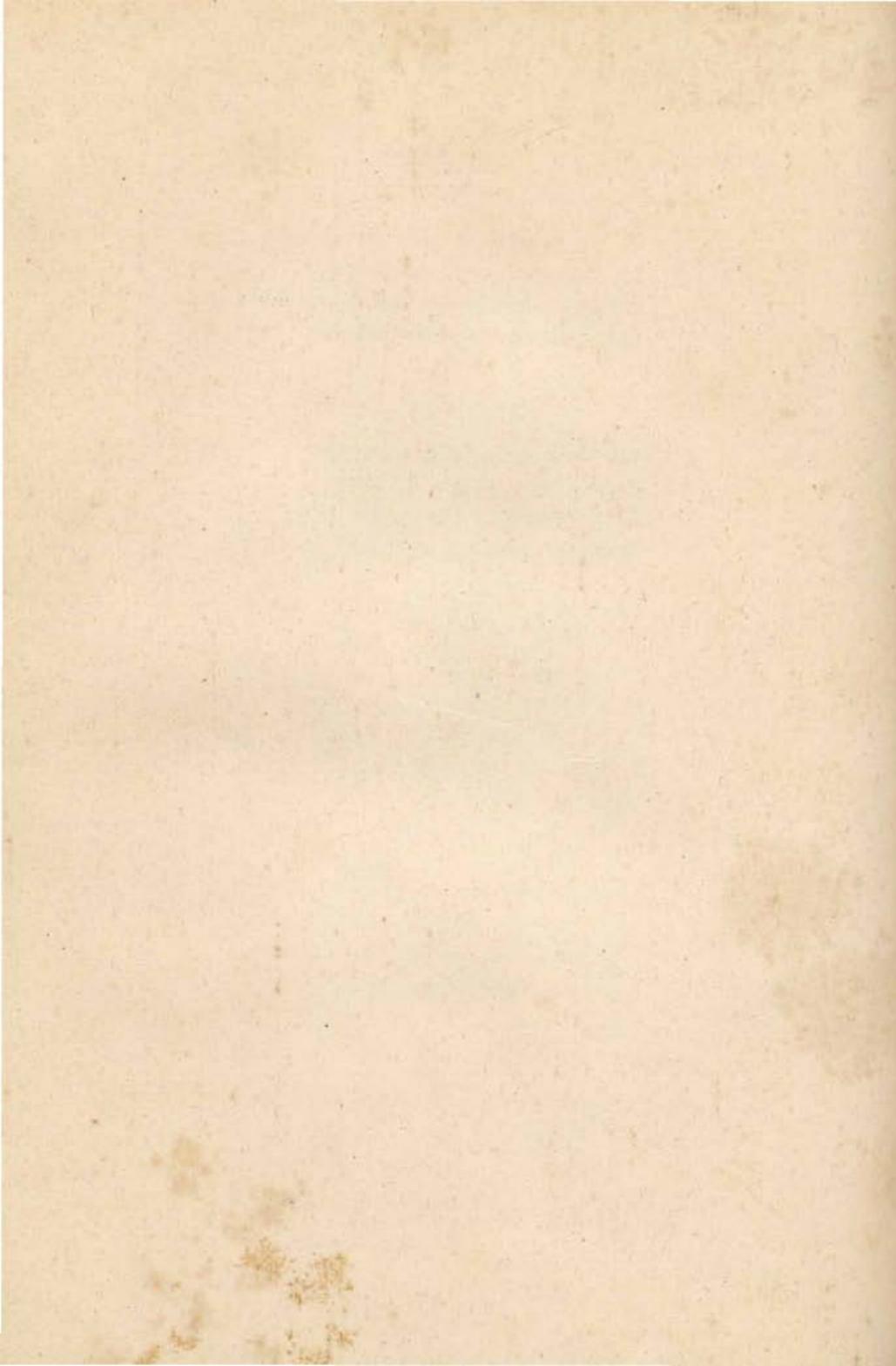
Ai! quem pôde dizer quanta agonia  
A' triste sombra dos cyprestes medra!  
Quanta lagryma quente se resfia  
Gottejando nas laminas de pedra!

Dorme-se aqui sombriamente immerso  
Do mysterio no fundo pesadêlo;  
Os corações succumbem sob o pezo  
De camadas sem fim de eterno gelo.

Por estes campos que o crepusclo ensombra  
Não verte o sol a luz de seus fulgôres:  
Nas paragens da morte a primavera  
E' tetrica estação, sem luz, sem flôres.

E' por sob essas arvores tristonhas,  
Em cuja rama a ventania chóra,  
Que ao viandante que tombou na estrada  
A noite traga e a solidão devóra.

N'estes ermos quietos, taciturnos,  
Sente a alma celeste infiltração...  
Eu presinto da morte o labio frio  
Lutulento beijar-me o coração.



## TENTADORA

Ao vêr belleza tão rara,  
Que pintor a copiára  
Com seus magicos pinceis ?  
Hombros que a volupia trahem,  
Onde os cabellos te cahem  
N'uma cascata de anneis !

Tuas formas são mysterios  
Vivos, sublimes, ethereos,  
De um condão original.  
Para poder desenharte,  
Devêra o pincel da arte  
Ter a téla do ideal,

O olhar translucido, quente,  
A derramar no ambiente  
Seu electrico fulgor,  
E' como um astro que instilla,  
Do fundo de uma pupilla,  
Um pensamento de amor.

Quando fallas, o céu canta  
Por tua bocca que encanta,  
De um talisman ao poder ;  
Vermelhas e tentadoras,  
Duas petalas sonóras  
Parecem teus labios ser.

Mulher languida e formosa,  
Não tem a sylphide airosa  
O talhe do corpo teu :  
Cinzel de ignota magia,  
No marmor da phantasia,  
As formas de anjo te deu.

## LOUCO SUBLIME

“ Aventureiros das ondas,  
Que correstes longes mares,  
Não vistes de um mundo os lares  
Que Deus assentou além ?  
Nem acaso vos fallaram,  
Pela voz das grandes vagas,  
Os genios d'aquellas plagas  
Que fallar commigo vêm ?

Se da morte o sorvedouro  
De vós entreabriu-se perto,  
Não vistes um porto aberto  
Na extrema clara do céu ?

Na hora em que a náu soberba,  
Se humilha, e, quasi de rastros,  
Vae, rendida pelos mastros,  
Entregar-se ao escarcéu?

E' lá, n'aquella penumbra,  
Caminhando ao occidente,  
Que a sombra de um continente  
Vejo boiar na amplidão;  
Dominando as cordilheiras  
Das interminas paragens,  
Vôam as aguias selvagens  
Dos ventos no turbilhão."

Depois que o louco fallara  
Disseram todos: — "mentira!  
São visões de quem delira,  
Que utopias só contêm!..."  
Erguendo a cabeça olympica,  
De vilipendios cercada,  
A' multidão desvairada  
Responde o louco: — "pois bem!"

Doeu-lhe tamanho ultrage  
De requintada torpeza...  
Que val de um astro a grandeza  
Do mundo no vil proscenio?

Senhor Deus, porque é que escondes,  
Como em fundo subterraneo,  
Sob a cupola do craneo  
O reverbéro do genio?

Desgraça, porque disseste  
Ao genio: — “serás meu filho!”  
E as fronteas cheias de brilho  
Cobres de escuros labéus?...  
N'esses maldictos sublimes  
Em que teu dominio expandes,  
Ah! nessas almas tão grandes  
E' que condensa-se Deus!

E, como seguia o Mago  
Branca estrella do Levante,  
O louco seguiu avante,  
Affrontando o céu e o mar...  
Quem sabe? — se voltaria  
Da gloria na summidade;  
Se a foice da tempestade  
Nova mésse iria dar...

E corria a caravela  
De rijos ventos batida,  
Arcando em lucta renhida  
E as vagas deixando após!

Sem temer, da natureza,  
Ver por entre os cataclysmos,  
Na garganta dos abysmos  
A deglutição dos sóes.

Da noite nas horas tardas,  
Quanta vez seu pensamento,  
Nos braços do desalento,  
Deixou-se esvair n'um ai!...  
Porem aos nautas da idéa,  
Do progredir na viagem,  
Quando esmorece a coragem,  
O mar lhes diz: — “caminhae!”

Um vulto surgia ao longe,  
E a marinhagem pasmava;  
Como que então hesitava,  
Prêsa de estranha alegria,  
Se era a terra que mostrava-se  
Por sob um céu tão risonho,  
Se eram as formas de um sonho  
Entre as brumas da utopia.

.....  
.....

A terra a mais e mais crescia no horisonte;  
E a purpura da aurora avermelhava um monte.  
A náu pôde aportar. O louco em uma ilha  
Achára o ideal de excelsa maravilha.  
O mar calára então das vagas o ribombo.  
O louco... esse immortal chamava-se Colombo.  
Causára á humanidade assombro bem profundo  
Ver quem não tinha pão enriquecer o mundo!



## MIRAGENS

Oh barcas enfunadas  
Ao sopro do delirio,  
Que ides desnorteadas  
Ao porto do martyrio;

Edenicis imagens  
De ignota poesia,  
Passae, passae, miragens  
Do mar da phantasia.

Bando de estrellas magas  
Cahindo silenciosas,  
Nas transparencias vagas  
Das noites vaporosas,

Vós sois as aureas scismas  
De casta idealidade,  
Brincando sobre os prismas  
De minha mocidade.

Oh illusões queridas  
De meu sonhar ethereo,  
Sois lagrymas perdidas  
No antro de um mysterio !

E eu que tanto amei-vos  
Os limpidos fulgores,  
Nos candidos enlevos  
De mysticos amores ;

Agora tenho a magua  
A calcinar-me o seio,  
E peço a gotta d'agua  
A exaurido veio.

E pareceis-me, errantes  
Em vossa mudez tragica,  
Os frios cambiantes  
De uma lanterna magica.

Em vós circumvagando  
O meu olhar extremo,  
Murmuro-vos, chorando,  
O triste adeus supremo.

Feliz de quem um dia  
Hauriu nectar divino,  
Sem ter provado a lia  
Do calix do destino !



## O CARCERE

O carcere não é aonde se redime  
Sómente a perversão de quem commette o crime;  
A's vezes se converte em um abrigo sancto  
Por sobre o qual estende o Omnipotente o manto:  
Debaixo de seu tecto, em longa penitencia,  
Encontra-se tambem a imagem da innocencia.  
Alli nem sempre escuta o pobre condemnado  
O ecco do remorso a repetir: — malvado!  
Tambem a voz escuta — a voz do coração —  
Que o anima e o consola em horas de afflicção!

Nem sempre alli se dorme o somno do assassino,  
Ao dobre funeral de luctuoso sino,  
Tambem dorme-se em paz o somno da creança  
Sonhando do futuro a mystica esperança.

O carcere é o antro onde o soluço habita,  
E na friez do crime o coração tiritá.  
A's vezes, ao contrario, é o degrau de luz  
Por onde o martyr sobe em busca de uma cruz.  
Tudo alli tem do tumulo o lugubre conspecto :  
A voz não passa alem do ennegrecido tecto ;  
Da consciencia o sol parece que se apága  
Debaixo do pavor que o coração esmaga.  
Porem o criminoso, em cujo craneo escuro  
Passa como um phantasma a sombra do futuro,  
De occulta mão sentindo o peso esmagador,  
Em meio a atmospherá em que circula o horror,  
Na consciencia tem um passaro voraz :  
E' o remorso que crava as garras infernaes.

## MURMURIOS

A vida é como um porto ao qual ancóra  
Barca que vem do nada e ao nada volta ;  
E após o curto espaço de uma aurora  
O panno esfarrapado aos ventos solta.

E ai do nauta que o tufão sacóde,  
Como um ludibrio do soffrer ao cumulo !  
Ai de quem busca, mas achar não póde  
A paz do coração na paz do tumulo !

No entanto a natureza é uma harmonia  
Immensa, eterna, indefinida, sancta :  
Como a estrella no céu brilha a ardentia,  
E o homem vive como vive a planta.

A floresta murmura os seus segredos  
Em um concerto mystico e suave ;  
Das folhas ao tremer nos arvoredos,  
A voz se exhala da garganta da ave.

Como as virgens na flôr dos seus encantos,  
Teem tambem seu perfume as violetas...  
O poeta á solidão solta os seus cantos  
Como um bando de leves borboletas.

Soluça o mar seus merencorios threnos  
Que o vento arrasta pela noite sancta :  
Se a vida é uma canção eu quero ao menos  
Cantar morrendo como o cysne canta,

## DIA NEGRO

Deixei-te, e bem distante  
De ti puz-me a chorar ;  
Eu era o viajante  
Que odeia o céu e o mar.

N'aquelle ancioso instante  
Da onda ao soluçar,  
Saudade cruciante  
Me veio atormentar.

Não sei em que scismava.  
Da brisa o beijo insonte  
Meus lábios affagava,

Senti pender-me a fronte...  
E a tarde se esfumava  
Nas linhas do horizonte.

## INSOMNIA

Dos meus sonhos nas noites perfumosas  
Eu vivi de esperanças e de amor,  
Mas, ai! as illusões são vaporosas...  
Apagam-se na dor.

A chrysalida de oiro em que habitára  
O ideal que eu perdi por uma vez,  
Da fria realidade me mostrára  
A severa nudez.

Abandonae-me a sós! Basta de affagos,  
Tepidas brisas que subteis passaes,  
A estremecer a flor azul dos lagos  
Ao ecco dos meus ais!

Oh! não zombeis da mente desvairada  
Das insomnias na louca solidão!  
Deixae passar a lagryma arrastada  
Da dor no turbilhão.

Oh! deixae-me chorar na desventura  
O meu passado de alegria van!...  
Eu sinto que me attrae á sepultura  
Ignoto talisman.

Eu sinto a mocidade — a flôr da vida —  
Na sombra se esvair, sem ar, sem luz;  
Qual do Evangelho a doce arrependida  
Chorando aos pés da cruz.

Não lembreis o remorso ao desgraçado!...  
A mim que hoje não posso mais amar,  
Não digaes: — que fizeste do passado?...  
Oh! deixae-me chorar!

## A' MORTE DE THIERS

Corveja ao longe funeral procella;  
O sol descóra sobre os montes nus,  
E vae rolando em convulsões d'estrella  
Cahir no occaso amortalhado em luz.

Do mar que geme perennaes desgraças,  
Um grito sóbe doloroso e fundo;  
Como se Deus, para extinguir as raças,  
Mandasse um raio ao coração do mundo.

O vento corre — mensageiro alado —  
De zona a zona a diffundir horror;  
O anjo da morte, no feral vallado,  
Nações irmana em communhão de dôr.

E vae rugindo o vendaval infrene,  
Enchendo o espaço de infinitos ais!  
Unem-se os povos em mudêz solemne:  
A campa é arca de alliança e paz.

E a França martyr se lamenta e chora...  
Presae a dôr que alanceial-a vem!  
Ai! juncto ao filho que ella mais adora,  
— Morta — quizera repousar tambem!

O Sena dorme na friez das aguas,  
Parado o curso da febril corrente:  
Seu dorso enorme reverbêra maguas,  
Qual face vitrea de um paúl dormente.

Dos tristes Alpes sobre o valle fundo  
Correm as sombras de um sudario enorme...  
Bastam, talvez, para envolver um mundo  
As largas dobras d'esse crépe informe.

França, que ha pouco te elevaste heroica,  
Alto, tão alto como o rei dos Andes!  
Serás ainda no martyrio estoica;  
Ai França! ai berço de utopias grandes!

Tinhas o facho das idéas novas,  
E até o progresso te seguia os rastros;  
Um filho tinhas que não mais renovas;  
Colosso estranho: — amesquinhava os astros!

.....  
.....

Que resta agora que elle desce á terra  
Onde descansam seus irmãos sepultos?...  
Honrando á patria que seu nome encerra,  
Sagrae-lhe altares, consagrae-lhe cultos!



INSCRIÇÃO EM UMA MONTANHA

N'este monte que o tempo em vão consomme,  
E onde inculta flôr a custo medra,  
De minha amante deixo o lindo nome,  
— Doce harmonia burilada em pedra



## EM CAMINHO

Adeus, oh serrannas,  
Formosas, trigueiras;  
Cantae-me tyrannas,  
A' luz das fogueiras!

Sois ouro acendrado  
De inculta belleza:  
Perfil delicado,  
Gentil singeleza.

Dos astros os brilhos,  
Nos céus do sertão,  
Inspiram idyllios  
De muita paixão.

Cercado de brumas,  
Desfolha o luar  
Grinaldas de espumas  
Dos anjos do mar.

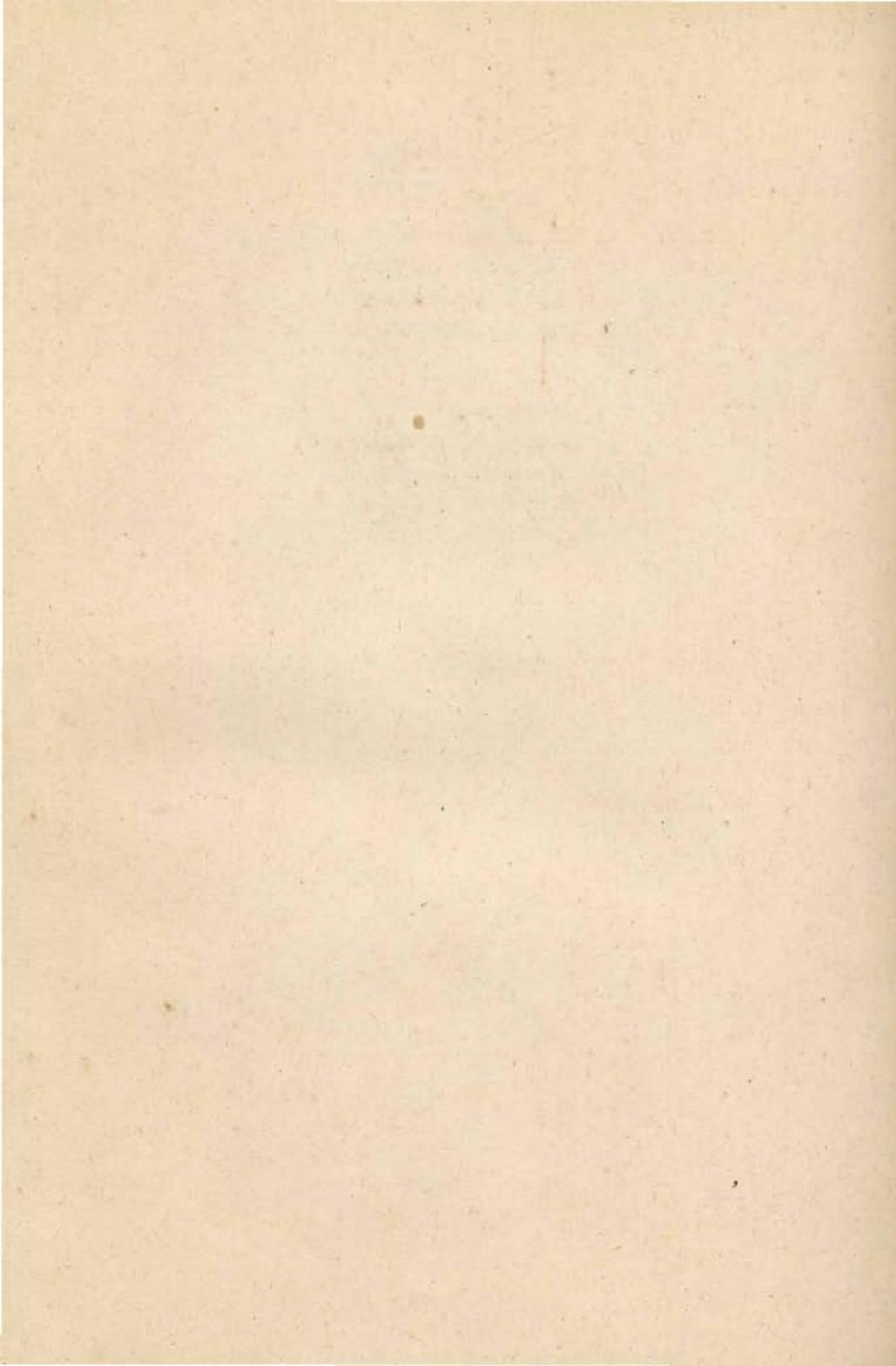
Na fóz dos desertos  
Marulha a cascata;  
E os ventos incertos,  
No fundo da matta,

Erriçam na hora  
Calmósa das séstas,  
A juba sonóra  
Das grandes florestas.

Eu amo esses prados,  
A' sombra dos montes,  
Que viçam banhados  
Dos prantos das fontes.

Eu amo a florinha  
Dos campos da aldeia,  
Que a brisa acarinha,  
Que a lua prateia.

Adeus, oh serrannas,  
Formosas, trigueiras;  
Cantae-me tyrannas,  
A' luz das fogueiras!



## A UM ORADOR E POETA

Eleva-te e domina as miseras grandezas  
Do mundo, que não pôde, em suas estreitezas,  
Conter quanto ha do céu nos pensamentos teus;  
O genio a purp'ra tem de sancta fidalguia,  
E são os seus braços de excelsa hyerarchia  
Assellados por Deus.

O verbo teu commove e incendeia a calma,  
Deixando uma cratera aberta em cada alma.  
Dualidade immensa em que se transfigura  
De Cicero e de Homero a olympica estatura,  
— Fatidica união: poeta e orador:  
Alma feita de sol e coração de flor!



## O PYRILAMPO

Brilhae, brilhae, pyrilampos,  
Limpidas joias nocturnas;  
A noite abriu sobre os campos  
De seus thesouros as urnas.

Das selvas no verde manto  
Não te extasias de vel-os,  
Quando estrella-se o meu pranto  
Na noite dos teus cabellos?

Pois escuta, quando passa,  
No vôo tremulo, incerto,  
Pyrilampo de luz baça,  
Estrellinha do deserto;

Pergunto: — da flôr o seio  
E' o ninho em que tu te acoitas,  
Do vendaval com receio,  
Lanternasinha das moitas?

Acredita: eu tenho dô  
Do infeliz peregrino,  
Que percorre, triste e só,  
Seu ephemero destino.

Nas florestas do sertão  
O pyrilampo vagueia,  
Qual genio da solidão  
Que de noite phosphoreia.

No vôo subtil tem a aza  
Que lhe empresta a phantasia,  
E para brilhar se abraza  
No fogo de uma ardentia.

## O POETA

Na jaula das selvas sentindo-se escravo  
Rugido medonho soltára o leão,  
Bem como se acaso no peito do bravo  
Cratéra estalasse de acceso vulcão.

Os montes, na aresta de enormes barrancos,  
Tremeram erguidos no seu pedestal,  
Talvez que batesse seus tumidos flancos  
A clava invisível do genio do mal!

Corria nos ares fatal pesadêlo,  
A terra gelava mudez tumular,  
A noite era um antro cercado de gelo,  
E os astros dormindo cahiam no mar.

Entanto vagava n'aquella paragem,  
Mais mudo que a terra, mais frio que a noite,  
Romeiro perdido de ignota viagem,  
Sem ter nos desertos aonde se acoite.

Quem é que sabia de que astro elle vinha?  
E o triste a que portas iria bater?  
Sua alma profundos mysterios continha,  
E n'ella o infinito podia caber.

Chamaram-no — genio; chamaram-no — louco;  
Viveu de utopias, — loucura do céu!  
Passou e sumiu-se: cahiu dentro em pouco  
Nas fauces hiantes de negro escarcéu.

Aureola de martyr a fronte lhe cinge,  
Possue do destino funesto condão;  
Da vida nos trances, a dôr — essa esphinge,  
Suspende nas garras o seu coração.

---

Passou qual bacchante de orgia encantada,  
Gastára um thesouro de crenças celestes,  
Foi pobre na terra de vícios manchada,  
Trocou por andrajos as candidas vestes.

Foi alma tão funda que embalde se a sonda;  
Jamais o interesse domára-lhe os brios...  
Foi alma fecunda:—foi luz e foi onda:  
Brilhou com os astros, correu com os rios!



## DOIS ECCOS

— Quem és ? oh visionario, oh louco peregrino !

— Eis tudo quanto sou : cadaver do destino.

— Não tens uma illusão ?

— Minha alma só tem fel.

— E teu amor ?

— Foi impio e lugubre cartel

De affronta arremessado ao turbilhão da sorte.

— Tão pallido que estás !

— E' a mascara da morte,

Que vela-me o perfil da alvura de alabastro.

— Mas vejo-te da frente irradiar um astro !

Embala-te algum sonho ?

— Eu tenho a nostalgia

Do tumulto... talvez que sonhe uma utopia.

— Pagou teu pranto á insomnia o tributario preto ?

— Meu pranto se incrustou nos antros de meu peito.

— A vida não sorriu-te ?

— ... Esphinge de terror.

— Que tens no coração ?

— A fibra eterna — a dôr!

## OS ILLUMINADOS

São elles os heróes... Maldictos do destino,  
Agita-lhes a alma um fremito divino :  
Sentem de occulta força o ignoto talisman,  
E iniciam hoje aquillo que amanha  
Deus realisará. São elles os prophetas  
Que sobre as multidões, ondas irrequietas,  
Fazem soprar da idéa o rijo vendaval,  
Qual turbilhão de sóes em célere espiral ;  
E extrahem, deslumbrando a viva geração,  
Das minas do passado o ouro da tradição.

Mensageiros da luz, não sentem na jornada  
A alma esmorecer, de raios infiltrada ;  
Romeiros do porvir, caminham como Ahasvero,  
Mas têm de Deus, na frente, o sancto reverbero.  
Sacerdotes do bello, apóstolos do justo,  
Quaes cedros colossaes n'um areial adusto,  
Mata-lhes a raiz a terra que se inflamma,  
E os astros, lá no céu, descançam-lhe na rama.

E' essa do ideal a pleiade pujante :  
E' Byron e Hugo e Shakespeare e Dante..  
Dizer-se-lhes o nome importa muito pouco :  
A quem Deus fez — um genio, o mundo chama — um louco.

Nasceram para a lucta: heróes do pensamento,  
Não morrem, porque a morte, o maximo tormento  
D'aquelles cuja vida enfeitam illusões,  
— Miragens do destino, esplendidas visões! —  
Para elles é o altar da sagração augusta,  
Aonde a alma viril, de tempera robusta,  
Sente, ao transfigurar-se, em meio a immensidade,  
Que tem por capitolio a propria eternidade.

Dilatam a sciencia ao sopro das verdades,  
E espalham no universo enormes claridades ;  
Parecendo verter de constellada esphera  
Fluctuações de luz de um cháos na atmosphera.

Resurgem, muita vez, de um seculo imprevidos,  
E ás novas redempções vão ser os novos Christos;  
Proclamam da Egualdade as sacrosantas leis,  
E a dupla maldicção dos povos e dos reis  
E' o que elles têm ao fim do estoico sacrificio.  
Mas não podem parar; sobre a aridez do vicio  
Semeiam a virtude austera e salutar.  
Somnambulos do céu, — vivem para sonhar  
O ideal supremo, olympico painel.  
Em que se vêem passar — phantastico tropel —  
As fórmãs do sublime: os fulgidos relevos  
De tremulas visões em mysticos enlevos!

Subindo ás regiões que não alcança a vista,  
E aonde cada passo assigna uma conquista,  
Após sanctificar da redempção o verbo  
Nos trances de um soffrer descommunal e acerbo;  
Fazendo do martyrio uma religião,  
E convertendo a dôr do genio no brazão,  
Oppoem, sem recuar, seu vulto colossal,  
A's irradiações satanicas do mal.  
Por isso é que o presente os vota ao ostracismo,  
A elles que do ventre escuro de um abysmo  
Fazem jorrar a luz, — esplendido embryão,  
Chrysalida da aurora occulta á multidão!  
— Aurora do porvir, aurora da verdade  
Que ha de regenerar a nova humanidade.

Que importa, ainda hoje, os chamem visionarios,  
Em sua rotação de vultos cometarios?...  
Quem é que ao céu se eleva, em tantos esplendores,  
Como elles, ao bater das azas interiores?!  
Quem é que do porvir sonhando as epopéas  
Faz circular no mundo um turbilhão de idéas?!  
.....  
.....  
Mas escutae : o mundo, em tenebrosa orgia  
Consagra a quanto é grande o nome de utopia.

## INVOCAÇÃO

Visão do paraiso,  
Por eternal sorriso  
A bocca illuminada,  
Oh peregrina fida,  
De flores revestida,  
De sonhos coroada!

Oh anjo que me acenas,  
Lustrando da aza as pennas  
Ao sol da phantasia;  
E vertes mil segredos  
Na harpa dos arvoredos,  
Oh sancta poesia!

Oh mixto sacrosancto  
De morbidez, de encanto,  
De amor e de lyrismo;  
Em extase enlevado,  
Como o spirito alado  
De Deus sobre o abysmo!

Arroja-me a alma escura  
De tua luz tão pura,  
No vivo turbilhão!  
Verge nos meus amores  
Os celicos verdores  
De flórida estação!

## NAS SELVAS

Musa das solidões, que tens o seio aberto  
A quem, sobre a aridez extensa do deserto,  
Busca embalde uma tenda aonde pernoitar,  
Eu vim tambem bater ás portas de teu lar!  
Tu que tens por vassalla a brisa do vergel,  
Por throno uma montanha á sombra do docel  
Do trópico, nas mãos o sceptro do ideal,  
E os rios a teus pés quaes hydras de crystal,  
Penetra-me da seiva ardente a borbulhar  
Nas ramas do ipê, nas fibras do jaguar;  
Empresta-me o condão de mysticos encantos  
Das harpas triumphaes dos arvoredos sanctos.

De tua inspiração á cელიca magia,  
Cada arvore traduz diversa melodia;  
De fórma que o rumor inteiro da floresta  
Trôa pela amplidão, — multisonante orchestra!

A's vezes eu pergunto, a meditar cômigo,  
No descampado a sós, da noite ao desabrigo:  
— Que musica inaudita é essa que povôa  
Dos ares o deserto onde o silencio vôa,  
Qual passaro de sombra, arauto das tristezas,  
Correndo do infinito as tetricas deyezas?  
Dos espaços sem luz em meio os cataclysmos,  
Que mão vos dedilhou, theorbas dos abysmos?  
Que apostolado é o vosso, oh rochas de granito,  
— Mitras da solidão, tiaras do infinito?...

Apenas o silencio opaco e tumular  
Na tenue cerração campeia sobre o mar;  
E vejo, do amplo azul na vaga transparencia,  
De uma constellação a enorme reticencia.  
Nas selvas Deus entorna em fluidqs borbotões  
Philtros celestiaes nos tristes corações;  
Da eterna primãvera aspira-se o verdor,  
Sente-se a alma crescer e desbordar de amor.

.....  
.....

Calaram na amplidão latidos musicaes  
Dos ventos da montanha uivando aos matagaes.  
Deixae-me prescrutar, da grande paz na hora,  
Nas entranhas da noite a gestação da aurora ;  
— Enquanto o plenilunio estende pelo ar  
A tunica de luz d'este centauro — o mar,  
E, morbido, prateia, alem da moita espessa,  
Do cedro secular a livida cabeça.

No teu profundo asylo, oh sancta solidão,  
Eu sinto no meu ser de Deus a infiltração!  
E posso então medir, aos olhos de poeta,  
A rotação da idéa em gyro de cometa ;  
E contemprar o genio, errante, solitario,  
Estrellas difundindo em vasto itinerario,  
E fazendo-as correr em turbilhão disperso :  
— Circulação da luz nas veias do Universo!



## INGRATA

A minha namorada  
Que em sonhos enfeitiça,  
E n'elles sobrenada,  
— Imagem movediça;

Cujo riso consóla  
Minha paixão insana,  
E até me desmióla  
A cava craneana;

Não crê no que lhe digo,  
Nas juras que lhe faço,  
E diz-me que a persigo,  
E nega-me um abraço.

Se acaso lhe confesso  
Que morro de paixão,  
Responde em tom avêso  
A' boa educação.

E diz-me : " então tens febre  
Só de pensar em mim?...  
Que importa-me se quebre  
Um vaso tão ruim?... "

Mas eu que sou captivo  
De quem tão mal me trata,  
Cobardemente vivo  
A' plantas d'essa ingrata.

Nem sei mesmo o que faça  
Para agradar-lhe mais...  
Já vivo, por desgraça,  
Rimando intimos ais.

---

De meu peito ao calor,  
Eu sinto-a sempre fria;  
Do céu do meu amor  
E' a lua doentia.

E é essa a virgem calma  
Em que alta noite scismo;  
Por ella é que minha alma  
Trasborda de lyrismo.



## AHASVERUS

O sol dobrava o occidente  
Sob o véu crepuscular,  
Resvalando na tangente  
Em que o céu encontra o mar;  
Emquanto a noite sombria,  
Como a divina elegia  
Do silencio e do terror,  
Das ondas á vitrea face,  
Vinha, ao fremito fugace  
Das bonanças do Senhor.

E cada monte encoberto  
Entestava no infinito,  
Como monge de deserto,  
A tiara de granito.  
Frio terror, que emmudece,  
Pelos ares corre, cresce,  
De um genio na aza veloz;  
E o cedro, olhando na alfombra,  
Tremia da propria sombra  
Qual da sombra de um algoz.

N'aquellas horas tão méstas,  
De tão sublime tristeza,  
Quando ao templo das florestas  
Se recolhe a natureza;  
Pareciam as estradas  
Longas serpentes deitadas  
Da solidão na mudez...  
E o ar apenas vibrava  
Se o Mar-Vermelho estoirava  
Sobre as pedras de Suez.

Pelas devezas distantes  
Gemem vozes melancholicas :  
São as lagrymas vibrantes  
Das tristes harpas eolicas.  
N'aquellas ermas paragens,

Do velho Euphrates nas margens,  
Perpassa extranho rumor :  
E' o vento que inda murmura,  
Como threnos de amargura,  
Os carmes do rei-pastor.

Alem, no fundo da mata,  
Destrança-se esguio veio,  
— Sonóro fio de prata  
Minando da terra o seio.  
Sombrio, mudo, arquejante,  
Se approxima um viajante  
De funérea lividez ;  
Nós antros do firmamento,  
“ Quem és ? ” — pergunta-lhe o vento,  
E o rio acóde : “ quem és ? ”

Ostenta aparente calma,  
Mas fogo lento o calcina ;  
Lá no fundo de sua alma  
Ruge a colera divina.  
O remorso que o opprime  
E' satellite do crime,  
E' parto da maldicção !  
Na longa vida inquieta,  
Traz como que uma grillheta  
Chumbada no coração !

E por todos os caminhos  
Em que o vulto perpassava,  
O cardo cheio de espinhos  
Por sob os pés lhe medrava.  
Se os passos então detinha,  
Bradava o vento: — caminha!  
E o rio: — foge d'aquí!  
E debalde o forasteiro  
Dizia ao surdo pampeiro:  
“ Sou da tribu de Levi!

“ Sou Ahasverus! dae-me um pouso;  
Eu partirei amanha...  
Uma hora de repouso  
Para o filho de Nathan!...  
Do deserto ao desabrigo,  
Não sejaes meu inimigo,  
Oh Condemnado da cruz!  
Amiserae-vos da sorte,  
Senhor, de quem, pede a morte,  
A' mingua de vossa luz.”

Todos lhe fogem da trilha,  
E d'elle passam distantes,  
Qual de viva mancenilha  
De venenos fulminantes...  
Sem achar quem o conforto,

Segue o proscripto da morte  
O itinerario sem fim;  
E restruge a noite espessa  
A cingir-lhe na cabeça  
A corôa de Caim.

Caminhar sem ter guarida,  
Tal é o destino seu;  
Preso ao Caucaso da vida,  
Ser da morte o Prometheu.  
A dôr é o eterno abutre  
Que de seu sangue se nutre,  
Sem jamais se saciar...  
Oh! não morrer, ser eterno,  
E' ter dentro em si o inferno  
Fibra por fibra a queimar.

Segue alem o peregrino,  
Maldicto por onde passa;  
Morde-o a serpe do destino,  
O fel desborda-lhe a taça.  
Provou todos os venenos,  
Seguindo ignotos acenos,  
Vae caminho de Carmello;  
Nem pôde dormir nos prados  
O somno dos desgraçados,  
Um somno de pesadêlo!

E longe, longe seguiu,  
E mais longe se perdeu ;  
O raio do céu cahiu,  
Porem elle não morreu.  
Já o sol, nascendo, listra  
A face opáca e sinistra  
Da montanha oriental ;  
Do sacrificio arde a chamma  
Nos pagodes do deus Brahma,  
E nos altares de Baal.

E um dia passa outro após,  
E desce um sec'lo ao occaso ;  
Emquanto elle segue a sós  
Do Carmello ao Chimborazo.  
Forasteiro em todo sólo,  
Andou nos gelos do polo,  
E nos fogos do equador ;  
Das tumbas nas argamassas  
Viu o pó de muitas raças,  
Sem nunca tremer de horror.

Cançado de caminhar  
De um monte ao pendor subiu ;  
Embalde atirou-se ao mar,  
O mar a praia o cuspiu...  
Não morre entre os cataclysmos,

Nem na bocca dos abysmos,  
Nem nos dentes dos rochedos;  
A dôr que a alma lhe devasta  
Que o oceano é mais vasta,  
Tem mais profundos segredos.

Respira da morte o effluvio  
No farejar da panthera,  
Mas não morre... Do vesuvio  
Sóbe á rubida cratera:  
Então ahi, sem receio,  
Se arroja do pégo ao seio,  
— Entranhas em combustão...  
E, como um fêto maldicto,  
E' regeitado o precito  
Pelas fauces do vulcão.

Sempre n'alma a dôr lhe cresce,  
Mais intensa e mais sombria;  
E' elle quem ceifa a mêsse  
Pelos campos da agonia.  
Vê dos sec'los as ossadas,  
No silencio amortalhadas,  
Como mumias colossaes;  
A seus olhos se levanta  
A historia — a arca sancta  
Dos diluvios sociaes.

Ouviu do deserto a orgia  
Na orchestra das solidões,  
Quando a noite sacudia  
O leque das virações ;  
Emquanto as nuvens, em troço,  
Formam no ar um colosso  
De formas brutas, estranhas,  
E, descendo bruscamente,  
O raio acceso, candente,  
Bate á porta das montanhas.

Cilicio que a alma constringe,  
O remorso o lancinava...  
Viu o Egypto—immensa esphinge  
Chorando prantos de escrava.  
Viu Roma posta no throno ;  
Viu-a no pó do abandono,  
Dobrando ao chão a cerviz ;  
Quando já nem mais a doira  
O incendio,—qual trança loira  
Em hombros de meretriz.

Debalde quiz não ser visto,  
Do destino na inclemencia ;  
Mas tinha o olho de Christo  
Aberto na consciencia...  
N'essa agonia, comtudo,

Achou n'outra alma o escudo  
Que a alma sua abrigou :  
Beberam na mesma taça  
O fel da mesma desgraça,  
E o mesmo raio as queimou.

“ Já que ao seio de Rachel  
Não batestes embalde, tu,  
Sedento como Ismael,  
Faminto como Esaú ;  
— Disse Deus : — stá terminada  
Tua infinita jornada,  
O teu pesadêlo atroz...  
Eu transponho a immensidade,  
E commigo, á eternidade,  
Levo um enxame de sóes.”

E n'aquella hora funérea  
Do grande desmembramento,  
Em que aos antros da materia  
Desce a aguia do pensamento ;  
E o céu medonho se arqueia  
Sobre a terra, onde campeia  
O nada — estranha visão !  
Era a creação inteira  
Como um pouco de poeira  
Que de Deus cabe na mão!



## MELANCHOLICA

Nas horas em que eu scismo,  
Ao vêr-te melancholica,  
Na tua dôr me abysmo.

A brisa quando passa,  
Em melodia eolica,  
Soluça uma 'desgraça.

E tu, visão dormente,  
Espraias languorosa  
A solitaria mente.

---

Pergunto por teus males,  
E occultas, melindrosa,  
O intransitivo calix.

A tua magua escondes!...  
A mim que te deprêco  
Porque é que não respondes?

O teu soffrer é sancto!  
E' voz que não tem ecco!  
E dôr que não tem pranto!

## TUA CARTA

A carta que me escreveste,  
Tão verdadeira e tão triste,  
Foi um beijo que me deste,  
Uma aurora que abriste.

Tuas palavras singelas  
Inspiram sonhos de amores...  
São como um bando de estrelas,  
Ou um punhado de flores.

Porem trahe tua descrença  
O teu estylo tão frio:  
Cada lettra foi suspensá  
D'uma lagryma no fio.

Se tua alma tem ciume  
Do coração dos poetas,  
Deixa que aspire o perfume  
De tuas noites quietas.

## ESPARTACO

*Il faut avouer que de toutes  
les guerres, celle de Spartacus  
est la plus juste, et peut-être  
la seule juste.*

VOLTAIRE.

Titans da historia, colossaes portentos,  
Vultos heroicos das passadas eras,  
Que demolistes, ao rugir dos ventos,  
As regias grutas das feudaes pantheras ;  
E que hoje tendes altos monumentos,  
Onde da fama estoiram as crateras,  
Legando ás multidões vossa memoria  
Sobre esses troços de granito e gloria!

Vós, cujos nomes trôam pelo mundo,  
Ao brado das humanas redempções;  
Vós que desceis dos seculos ao fundo,  
E clareaes o tecto das nações,  
De luz vertendo um borbotão fecundo;  
Oh capiteis de extinctas gerações,  
Que abristes, redimindo a humanidade,  
No chão do erro o sulco da verdade!

Vós que dobraes do tempo o promontorio,  
E, barra dentro, á eternidade entraes;  
Que transpondes, qual marco divisorio,  
Do infinito os esplendidos humbraes,  
E, subindo dos sec'los ao zimborio,  
A propria apotheose contemplaes;  
Vós que sois do diluvio como a pomba  
Das edades que passam na hecatomba!

Alas abri ao martyr do destino,  
— Bacchante expulso dos festins da idéa,  
Que rojara, andrajoso peregrino,  
Da escravidão a secular cadeia,  
Como se fôra um tragico assassino  
Seivando em crime a barbara alcatéa...  
Dae-lhe um logar: a tradição o acclama  
No templo pantheonico da fama!

Seu nome... perguntae-o á Liberdade,  
Que escrevêra, do sangue nos annaes,  
A lenda da sublime heroicidade  
De quem por ella succumbit audaz...  
Ella ensina á futura humanidade,  
Ao clangor das trombetas sideraes,  
Que esses nomes gerados nas procellas  
Rugem no espaço—furacão de estrellas!

Espartaco é o verbo redivivo  
Que das campas subleva legiões;  
— Reverbéro da alma do Deus vivo  
Illuminando a fronte ás multidões...  
Fôra loucura agrilhoar—captive—  
O apostolo das sanctas redempções,  
Companheiro de homericos heróes  
Das excelsas Iliadas dos sóes.

Quantas vezes do archanjo dos combates  
Elle invocára o gladio vingador,  
Quando a alma sacudiam-lhe os embates  
Das rajadas candentes do valor!..  
Aclara sempre a méta dos resgates  
Um raio do porvir deslumbrador,  
Golfejando nos antros do passado  
O prometheico fogo ao céu roubado.

Quiz dar á Liberdade templos novos,  
E tragára-o estranho cataclysmo,  
Mas hoje as gerações — ferteis renovos —  
De seu sangue illuminam-se ao baptismo!  
Como se para aureolar os povos,  
Das entranhas cahoticas do abysmo,  
Praticasse da luz a eventração  
Do proprio Deus a fecundante mão.

Quando de Roma o crime torvo, insano,  
A purpura da aurora ennegrecia,  
Espartaco, — esse braço sobrehumano  
Que o sangue da bravura intumescia, —  
Pretendeu arrancar do peito humano  
Os gryphos do dragão da tyrannia!  
De um vôo muito grande eram ensaios...  
Fecha-lhe o nome um circulo de raios!

## LEITURA NO DESERTO

*I linger yet with Nature, for the night  
Hath been to me a more familiar face  
Than that of man; and in her starry shade  
Of dim and solitary loveliness  
I learn'd the language of another world.*

BYRON.

Quero ouvir do deserto o sancto idyllio ;  
O céu, qual urna a transvasar de brilho,  
    Perfuma a solidão.  
Dos bosques sob o tecto sussurrante,  
A natureza dorme deslumbrante  
    Ao sopro do verão.

Fluctua pelo ar vago murmurio,  
Geme o vento nas frestas do tugurio,  
    — Asylo do pastor ;  
Labios occultos estridulam beijos,  
Vaporisam seraphicos desejos  
    Os corações em flor.

Cobrejante riacho vae fremente,  
Desatando-se em rapida corrente  
    De fulgidos crystaes.  
Dissereis que de lagrymas um fio  
Formava o borbotão d'aquelle rio,  
    Nos invios matagaes.

Pragueja o mar cyclopico lamento,  
Como um louco carpindo ao firmamento  
    A eterna viuvez.  
Estrellas em fusão — as ardentias  
Vêm esmaltar o dorso ás penedias,  
    E cahir-lhes aos pés.

Azues phosphorecencias peregrinas,  
Os pyrilampos brilham das campinas  
    No manto virginal.  
Sobre o mar que braceja nas areias,  
Languidamente embalam-se as sereias  
    Nos berços de coral.

Adoro a natureza em desalinho,  
Quando alegre desfia o passarinho  
    As perolas da voz...  
Ella é mãe que, no seio tão fecundo,  
Egualmente procrea o verme immundo  
    E o embryão dos sóes.

Quando se apagam, sob os céus brumosos,  
As nuvens, quaes farrapos luminosos,  
    Já da tarde no fim;  
N'alma entorna-me um extase celeste  
A voz da noite, como uma harpa agreste,  
    Dos ermos no festim.

Aqui do ideal a seiva pura  
A' poesia esplendida satura  
    De magico verdor;  
Deus concede ás paixões um desafogo,  
Queimam-me o labio as syllabas de fogo  
    D'esta palavra — amor.

Dos meus vinte annos que nos céus rutilam,  
Dos céus que aos astros perennaes asydam  
    Incendem-me os clarões:  
Eu sinto illuminar-me a mésta fronte  
O ethereo azul de duplice horisonte,  
    Da alma nas combustões.

Eu sou teu filho, oh sancta natureza,  
Que tens no coração a estrophe accesa  
Do hymno tropical ;  
E cinzélas' phantasticos poemas  
Nas estrellas que giram — vivas gemmas  
Em eixos de crystal.

Por isso busco á noite o teu regaço  
Para acolher o maternal abraço,  
Comtigo o pernoitar.  
Eu leio e scismo, phantasio e amo,  
Em teu silencio, quando nem um ramo  
Estremece no ar.

Apraz-me lêr sentado sobre um monte,  
Ao luar que povôa o horizonte  
Dos esplendores seus:  
Do livro muita luz se desentranha...  
Eu quero lêr : — o livro é uma montanha  
D'onde avista-se Deus!

## OS REVOLUCIONARIOS

DE MINAS

Vêde a raça de colossos  
D'este sólo americano :  
São olympicos esboços  
De algum grupo eschyliano.  
Nenhum delles, no supplicio,  
A altura do sacrificio  
Inveja dos Prometheus ;  
E' que esses heroes gigantes  
São cabeças culminantes  
Que se approximam de Deus.

Ah! do phantasma da sorte  
Nada importa o olhar escuro!  
Das eminencias da morte,  
Quem não diz: — “viva o futuro!?”  
Quem não vê, nos firmamentos,  
De estrellados pensamentos  
Enorme gravitação?  
E, da gloria na refréga,  
Quem á vida inda se apéga  
Quando a morte é sagração?

Em que molde de cometa  
Fundiriam-se almas taes?  
Que tocam tão alto á meta  
Das gerações immortaes?  
Do martyrio na epopéa,  
Succumbiram pela idéa,  
— Crucificados da luz!  
E' que os seres cometarios,  
Nas pedras de outros Calvarios,  
Seu sangue vertem a flux.

São elles que ás tyrannias  
De maldicções vêm ungir...  
— Sonhadores de utopias!  
— Millionarios do porvir!  
Foi Deus que os predestinára,

Quando a alma lhes dilatára  
Aos effluvios do ideal ;  
E hoje, a posteridade  
Contempla-os — da Liberdade  
Como o grupo triumphal.

Ramos de um cedro divino  
Porque não pôdem vingar ?...  
Ai! os raios do destino  
Bem cêdo os vêm fulminar !  
Porem, mais tarde, apparecem  
Essas almas que estremeçam  
Do porvir ás convulsões ;  
Então, a historia as acclama,  
No capitolio em que a fama  
Distribue as sagrações.

FIM



## INDICE

	PAGS.
Introdução . . . . .	VII
Hugo em Jersey . . . . .	3
As creanças . . . . .	9
Tiradentes . . . . .	11
O sylpho . . . . .	15
Flores de um dia . . . . .	19
Minha amada . . . . .	20
Ignota Dea . . . . .	23
Amor de pae . . . . .	25
Ave Maria . . . . .	27
Musa consolatrix . . . . .	29
Sempre Ella . . . . .	31
La rose et l'amour . . . . .	33
Meu anjo . . . . .	36
E' tarde . . . . .	57
O engeitado . . . . .	39
Uma sombra . . . . .	41
Confissão . . . . .	43
O missionario . . . . .	45
Juncto de uma creança . . . . .	50
No ermo . . . . .	63
Confidencia . . . . .	57

Epitaphio . . . . .	59
Longe . . . . .	61
Apparição . . . . .	63
Lembrando-me de ti . . . . .	65
Lacrimæ Rerum . . . . .	67
Amarguras . . . . .	69
Ubirajára . . . . .	73
Teu nome . . . . .	79
Os abandonados . . . . .	81
A Castro Alves . . . . .	83
Ao instituto dos academicos . . . . .	87
A orphan . . . . .	89
Primaveras . . . . .	93
A officina . . . . .	97
Morrer de saudades . . . . .	99
Ao pé do berço . . . . .	103
Ton regard . . . . .	105
Amei-te ! . . . . .	107
O cemiterio . . . . .	109
Tentadora . . . . .	113
Louco sublime . . . . .	105
Miragens . . . . .	121
O carcere . . . . .	125
Murmurios . . . . .	127
Dia negro . . . . .	129
Insomnia . . . . .	131
A' morte de Thiers . . . . .	133
Inscrição em uma montanha . . . . .	137
Em caminho . . . . .	139
A um orador e poeta . . . . .	143
O pyrilampo . . . . .	145
O poeta . . . . .	147
Dois eccos . . . . .	151
Os illuminados . . . . .	153
Invocação . . . . .	157
Nas selvas . . . . .	156
Ingrata . . . . .	163
Ahasverus . . . . .	167
Melancholica . . . . .	177
Tua carta . . . . .	179
Espartaco . . . . .	181
Leitura no deserto . . . . .	185
Os revolucionarios de Minas . . . . .	189

